

UM POUCO DE HISTÓRIA...

FERNANDO NUNES DE ARAUJO

UM POUCO DE
HISTÓRIA...

Caro leitor,

Olá, meu nome é Fernando Nunes de Araujo e tenho 14 anos. Gostaria de compartilhar com vocês a minha paixão pela educação e pelo combate à ignorância, especialmente entre os jovens. Para isso, decidi escrever um livro que tem como objetivo principal promover a educação de forma acessível e envolvente.

Neste livro, trago uma visão geral da história, abordando os principais eventos que moldaram o nosso mundo. Procuro responder às perguntas fundamentais sobre o que aconteceu, por que aconteceu, como aconteceu, quando aconteceu e quem esteve envolvido em cada um desses eventos. É uma tentativa de trazer clareza e compreensão para aqueles que desejam explorar a fascinante jornada da humanidade ao longo do tempo.

No entanto, é importante ressaltar que as datas e os detalhes específicos podem variar, já que a história é uma disciplina em constante evolução e sujeita a diferentes interpretações. Este livro serve como uma introdução abrangente, mas os leitores são incentivados a buscar informações mais detalhadas e aprofundadas em eventos específicos que despertem seu interesse.

Para mim, esse projeto não se trata de obter lucro financeiro, mas sim de contribuir para a disseminação do conhecimento e o fortalecimento da educação. Acredito que todos devemos ter acesso a informações precisas e confiáveis, para que possamos tomar decisões informadas e nos tornar cidadãos conscientes e engajados.

Sou grato a todas as pessoas e instituições que têm sido parte do meu aprendizado e desenvolvimento ao longo dessa jornada. Agradeço aos professores, pesquisadores e historiadores cujo trabalho incansável tem enriquecido nosso entendimento da história.

Convido vocês a se juntarem a mim nessa jornada educativa. Vamos buscar o conhecimento, compartilhar o que aprendemos e inspirar outros a fazer o mesmo. Juntos, podemos fazer a diferença e construir um mundo mais esclarecido e empoderado.

Atenciosamente,
Fernando Nunes de Araujo

Copyright © 2023 por Fernando Nunes de Araujo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro, sem permissão prévia por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incorporadas em resenhas críticas e outros usos permitidos pela lei de direitos autorais.

Este livro é uma obra de caráter educativo e informativo e não pretende substituir a pesquisa e a consulta a fontes históricas e acadêmicas especializadas. Embora tenham sido realizados esforços para garantir a precisão das informações apresentadas, o autor não assume qualquer responsabilidade por eventuais erros ou omissões.

As opiniões expressas neste livro são de responsabilidade exclusiva do autor e não refletem necessariamente as opiniões de terceiros mencionados ou de outras fontes citadas.

Agradeço a todos que contribuíram para a criação e publicação deste livro, especialmente aqueles que compartilharam seu conhecimento e experiência. Se houver alguma dúvida, sugestão ou informação incorreta neste livro, por favor, entre em contato com o autor.

Para informações adicionais, entre em contato com:

fernandoaraujo0841@gmail.com

Todos os direitos reservados.

PREFÁCIO

Prezados leitores,

É com grande entusiasmo que apresentamos este livro de história, uma obra cuidadosamente elaborada para proporcionar a vocês uma introdução envolvente ao vasto mundo do passado. Antes de iniciarmos esta fascinante jornada pelos eventos históricos que moldaram a humanidade, gostaríamos de compartilhar uma visão geral do conteúdo e da abordagem adotada.

Ao desenvolver este livro, nossa prioridade foi fornecer uma narrativa histórica sólida, baseada em fatos documentados e evidências confiáveis. Entretanto, é importante destacar que, apesar de nossos esforços, a história sempre enfrenta o desafio da omissão proposital. Ao longo dos séculos, diversos eventos e vozes foram deliberadamente negligenciados ou excluídos das narrativas históricas, deixando lacunas em nosso conhecimento do passado. Nossa abordagem aqui é reconhecer essa limitação e buscar minimizar a omissão ao máximo, apresentando perspectivas variadas e inclusivas sempre que possível.

É essencial compreender que a história é um campo em constante evolução, sujeito a mudanças e revisões. Assim como os arqueólogos escavam camadas da terra para descobrir vestígios do passado, também devemos estar dispostos a escavar as camadas de informações disponíveis para revelar novos entendimentos históricos. Nesse sentido, reforçamos que este livro não é uma narrativa estática, mas uma obra que reflete as mudanças de paradigma e estruturas que a própria história experimenta.

Optamos por focar em eventos históricos com base em informações confiáveis, evitando especulações e conceitos místicos. Embora a mitologia e eventos místicos sejam fascinantes e influenciem a cultura, reconhecemos que esses assuntos frequentemente são objeto de debate e interpretação variada. Por isso, nossa intenção é fornecer uma narrativa histórica embasada em informações sólidas, amplamente aceitas pela comunidade acadêmica.

Nossa ênfase ao longo do livro estará no contexto geral dos elementos históricos, em vez de destacar apenas nomes individuais. Procuraremos explorar as circunstâncias sociais, políticas, econômicas e culturais que moldaram o curso dos acontecimentos. Compreender as forças coletivas e os movimentos sociais nos ajudará a obter uma visão mais abrangente da história e suas implicações.

Dividiremos este livro em marcos históricos significativos, representando períodos específicos ou eventos cruciais que tiveram um impacto duradouro na humanidade. No entanto, é importante reconhecer que, devido à limitação de espaço, não será possível abordar todos os detalhes de cada acontecimento. Nosso objetivo é fornecer uma visão panorâmica que estimule sua curiosidade e o incentive a buscar fontes adicionais para expandir seu conhecimento.

A história é uma disciplina em constante expansão, e este livro é apenas um ponto de partida para sua jornada de aprendizado. Novas descobertas, interpretações e abordagens surgem continuamente, enriquecendo nossa compreensão do passado. Assim, considerem este livro como um convite para uma exploração contínua da história, incentivando vocês a procurarem mais informações e se atualizarem com os avanços acadêmicos.

Embora nosso objetivo seja fornecer informações resumidas, mas contextualizadas, é importante lembrar que a história é um campo vasto e complexo. Por isso, este livro não abordará 100% dos fatos históricos, mas pretendemos fornecer uma base sólida para que vocês busquem aprender mais e expandir seus horizontes nesse fascinante campo do conhecimento.

Além disso, ao reconhecer que a história é uma representação seletiva e interpretativa dos eventos passados, também reforçamos nosso compromisso em sermos transparentes sobre as escolhas que fazemos na abordagem dos acontecimentos históricos. Nosso objetivo é fornecer uma perspectiva imparcial, mas reconhecemos que, como historiadores, nossas próprias crenças e valores podem influenciar nossa interpretação. Portanto, incentivamos uma abordagem crítica e reflexiva ao explorar os eventos históricos neste livro.

Este livro foi especialmente desenvolvido como um guia introdutório para calouros e iniciantes no estudo da história. Nossa intenção é oferecer informações de forma acessível e enriquecedora, despertando sua paixão pela disciplina e incentivando-o a prosseguir com a exploração histórica.

Durante nossa narrativa, também destacaremos a interdisciplinaridade da história, mostrando como ela está intrinsecamente conectada a outras áreas do conhecimento, como arqueologia, antropologia, sociologia, geografia, economia e política. Essas conexões ampliarão sua compreensão dos eventos históricos e suas complexidades.

Desejamos a todos uma leitura inspiradora e instigante! Que este livro seja apenas o ponto de partida para uma jornada contínua de descobertas históricas e que vocês busquem sempre expandir seu conhecimento, explorando fontes adicionais e acompanhando os avanços acadêmicos. A história é uma viagem emocionante, e estamos felizes em compartilhá-la com vocês.

Boa leitura e que a curiosidade os guie nessa jornada pelo passado!

Atenciosamente,

Fernando

SUMÁRIO

PRÉ-HISTÓRIA:

MARCO UM: APARECIMENTO DOS PRIMEIROS HUMANOS (HOMO HABILIS)	2
MARCO DOIS: SURGIMENTO DO HOMO ERECTUS	4
MARCO TRÊS: SURGIMENTO DO HOMO SAPIENS E A DOMESTICAÇÃO DO FOGO	7
MARCO QUATRO: ARTE RUPESTRE NAS CAVERNAS	10
MARCO CINCO: DOMESTICAÇÃO	13
MARCO SEIS: PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES (MESOPOTÂMIA)	16

IDADE ANTIGA

MARCO SETE: SURGIMENTO DA ESCRITA CUNEIFORME	21
MARCO OITO: CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES DE GIZÉ	24
MARCO NOVE: FUNDAÇÃO DE ROMA.....	27
MARCO DEZ: IMPÉRIO PERSA	31
MARCO ONZE: IMPÉRIO ROMANO	34
MARCO DOZE: IMPÉRIO BIZANTINO	38
MARCO TREZE: QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE	42

IDADE MÉDIA:

MARCO QUATORZE: REINO DOS FRANCOS	45
MARCO QUINZE: SEGUNDA ERA IMPERIAL CHINESA	48
MARCO DEZESSEIS: AS CRUZADAS.....	51
MARCO DEZESSETE: MAGNA CARTA	54
MARCO DEZOITO: IMPÉRIO MONGOL.....	57
MARCO DEZENOVE: QUEDA DE CONSTANTINOPLA	61

IDADE MODERNA:

MARCO VINTE: RENASCIMENTO	64
MARCO VINTE E UM: REVOLUÇÃO CIENTÍFICA	67
MARCO VINTE E DOIS: CHEGADA DOS EUROPEUS ÀS AMÉRICAS	70
MARCO VINTE E TRÊS: REFORMA PROTESTANTE	73
MARCO VINTE E QUATRO: REVOLUÇÃO INGLESA	75
MARCO VINTE E CINCO: INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS	79

IDADE CONTEMPORÂNEA:

MARCO VINTE E SEIS: REVOLUÇÃO FRANCESA	83
MARCO VINTE E SETE: REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	86
MARCO VINTE E OITO: PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	89
MARCO VINTE E NOVE: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	92
MARCO TRINTA: GUERRA FRIA	95

CAPÍTULO UM: PRÉ-HISTÓRIA

MARCO UM: APARECIMENTO DOS PRIMEIROS HUMANOS
(2,5M A.E.C - 1,8M A.E.C)

Homo Habilis foi a primeira espécie do gênero homo. Os Homo Habilis foram os primeiros considerados “humanos” a emergir na terra, pois já haviam características parecidas com os Homo Sapiens, como dentes traseiros menores, cérebros com 600 a 700 centímetros cúbicos, além de serem a primeira espécie a conseguir manusear com destreza um dos elementos mais importantes da humanidade: A pedra.

Estudos apontam que os Homo Habilis surgiram entre 2,5 e 1,8 milhões de anos, até concederem o espaço de espécie dominante para os seus sucessores diretos, os Homo Erectus. Por mais que fossem a primeira espécie do gênero Homo, os primeiros fósseis de Homo Habilis só foram descobertos em 1964, por Louis Leakey e seus colegas de expedição, na “garganta” de Olduvai, Tanzânia, na África Oriental.

Devido à seleção natural, os Homo Habilis conseguiram prosperar muito em relação aos seus ancestrais, os Australopithecus. Uma das principais vantagens dos Habilis era a sua capacidade cognitiva, em que se destacava o tamanho do crânio dos Habilis, que variava de 600 a 700 centímetros cúbicos, o que era essencial para o desenvolvimento da espécie. Dessa forma, quanto maior o cérebro, mais inteligente era o sujeito.

Como os Habilis haviam muita habilidade com a pedra lascada, com caça e até com uma comunicação excessivamente rudimentar, eles conseguiram trazer avanços significativos para a humanidade, avanços esses que seriam passados de geração em geração, chegando até nos tempos atuais.

Em síntese, os Homo Habilis foram essenciais para a evolução da humanidade, deixando um legado incrível e inspirador, esbanjando coragem e criatividade. Seu principal feito foi a inovação na área do manuseio de pedras lascadas, o que foi de suma importância para o desenvolvimento de espécies futuras, até chegarem na área do manuseio de pedras polidas, o que é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO DOIS: SURGIMENTO DO HOMO ERECTUS
(1-8M A.E.C – 300.000 A.E.C)

Homo Erectus é a espécie sucessora direta do Homo Habilis. O Homo Erectus teve diversas aprimorações em relação aos seus antecessores, o que o possibilitou de ter uma longevidade-geral longa e próspera, até 8 vezes maior que a do Homo Sapiens. Uma das aprimorações mais notáveis, foi o aumento da capacidade craniana, que poderia chegar de 700 a 1200 centímetros cúbicos, cerca de 50% maior que a do Homo Habilis. Todavia, sem dúvidas, o avanço mais significativo foi a possibilidade de andar sobre dois pés, sem o uso das mãos, o que ajudava os Erectus a percorrer longas distâncias e um por um maior período. Conquanto, o Homo Erectus não poderia mais escalar árvores como os Homo Habilis, o que poderia prejudicar a fuga de possíveis predadores.

Acredita-se que os Homo Erectus tenham surgido na Ásia, sendo a primeira espécie a sair da África, e, posteriormente, explorando a Ásia, dando origem ao "Homem de Pequim", que foram fósseis encontrados na China, provando a existência do Homo Erectus, o que foi um marco incrível para as pesquisas da evolução humana. Isso nos leva ao motivo do Homo Erectus ser considerado a primeira espécie a andar de forma ereta, que se dá por conta do fêmur (osso da coxa) ser extremamente semelhante ao do Homo Sapiens, o que dá origem ao seu nome, que traduzido, significa "homem ereto".

Estudos apontam que o Homo Erectus tenha surgido entre 1,8 milhões e 300.000 anos, até cederem o espaço de espécie dominante para os seus sucessores, os Homo Sapiens. Por mais que fossem a primeira espécie do gênero Homo a conseguir andar com a postura ereta, os primeiros fósseis de Homo Erectus só foram encontrados em 1891, na ilha de Java, pelo paleoantropólogo e geólogo Eugène Dubois, que os classificou como Pithecanthropus erectus (homem-macaco reto), posteriormente classificado como Homo Erectus, nome esse que prevalece até hoje.

Devido à vantagem de andar de forma ereta, os Homo Erectus adquiriram diversas habilidades de caça e sofisticação de ferramentas de pedra. Uma das invenções essenciais para a sobrevivência dos Erectus foi o machado de mão, que foi uma ferramenta de suma importância para o aprimoramento das técnicas de caça do Homo Erectus, que não havia mais dependência exclusiva de lanças ou de suas próprias mãos. Outro fator chave que influenciou diretamente a sobrevivência dos Homo Erectus foi a descoberta do fogo, por meio de raios e métodos naturais, e, posteriormente, a domesticação do fogo por meio da descoberta de que com a fricção de duas pedras, uma chama se iniciaria, o que

ajudou a alimentação dos Homo Erectus, que agora poderiam cozer seus alimentos e absorver mais nutrientes.

Em síntese, os Homo Erectus foram essenciais para a evolução da humanidade, deixando um legado incrível e inspirador, esbanjando coragem, criatividade e um fêmur incrível. Seu principal feito foi a possibilidade de andar com a postura totalmente ereta, o que foi de suma importância para o desenvolvimento de espécies futuras, até darem lugar ao Homo Sapiens, o que é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO TRÊS: SURGIMENTO DO HOMO SAPIENS E DOMESTICAÇÃO DO FOGO
(300.000 A.E.C)

Homo sapiens é a espécie sucessora do Homo erectus. Diversas melhorias foram aplicadas ao homo sapiens. A principal melhoria a se destacar foi o aumento da capacidade craniana, que pode atingir de 900-1200 centímetros cúbicos. Dessa forma, esses avanços intelectuais dos Homo Sapiens levaram ao maior progresso já feito na pré-história: A domesticação do fogo. O fogo foi essencial para a humanidade desde o princípio, que trouxe uma nova gama de opções para sobrevivência e prosperidade, como: O aumento no cardápio; A remoção de bactérias do alimento, dessa forma aumentando a longevidade dos Homo Sapiens; A defesa contra predadores; A possibilidade de sobreviver a mudanças climáticas por meio de fogueiras. Todos esses avanços dos Homo Sapiens levaram a esse nome, que traduzido, significa “homem sábio”.

Acredita-se que o Homo Sapiens tenha surgido na África e, posteriormente, explorando novos continentes, como as Américas, a Ásia e principalmente, a Europa. A exploração da Europa levou ao cruzamento entre neandertais e Homo Sapiens, o que é uma das possíveis razões da extinção neandertal. Além da suposta extinção dos neandertais por conta do acasalamento com Homo Sapiens, o cruzamento entre as duas espécies resultou em parte de povos não africanos terem DNA neandertal. A teoria mais aceita de como o Homo Sapiens chegou nas Américas, foi que eles usaram a rota de Bering para atravessar o extremo oeste da Ásia, chegando ao extremo oeste da América do Norte. Isso ocorreu durante o Último Extremo Glacial, período esse em que o trajeto foi facilitado por conta de que o nível do mar era muito baixo por conta do armazenamento de água nos campos de gelo, além de boa parte do trajeto estar congelado. Dessa forma, facilitando o caminho, fazendo com que os humanos colocassem mais um continente em sua longa coleção. Na Ásia, o trajeto foi um pouco menos complicado, pois a Ásia tem um elo geográfico direto com a África. Portanto, a Ásia foi o primeiro continente a ser explorado pelo Homo Sapiens, tendo uma diferença de 40.000 mil anos em relação a colonização da Europa.

Estudos apontam que o Homo Sapiens tenha surgido entre 300.000 e 190.000 anos atrás, prevalecendo até os dias atuais. Todavia, a exploração posterior de novos continentes foi gradual e demorada. Sendo assim, entende-se que a exploração foi feita na seguinte ordem: Ásia, Oceania, Europa, Américas, Antártica.

Devido à capacidade craniana elevada, o Homo Sapiens desenvolveu sofisticções em quase todas as áreas propostas por seus antecessores, como a sofisticção da manufatura em ferramentas de pedra, a sofisticção de funerais, a sofisticção da religião, o reforço da cultura e o mais importante: A linguagem.

Os resultados das evoluções constantes do Homo Sapiens refletem em nós mesmos, que graças a esses avanços, podemos ser considerados Homo Sapiens Sapiens, ou Homo Sapiens moderno. Vale ressaltar que a evolução não é um processo linear, mas sim um processo estreito e incerto, em que uma simples mudança pode demorar milênios para ser aprimorada ou até descoberta. Os humanos conquistaram o fogo, agora falta a arte, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO QUATRO: PINTURAS RUPESTRES EM CAVERNAS
(40.000 A.E.C)

As pinturas rupestres foram a primeira manifestação artística da história, mais precisamente, da pré-história. As artes pré-históricas consistiam em pinturas que retratavam nada mais do que as vivências cotidianas dos primeiros humanos, em que o principal foco era o desenho da fauna, ou seja, animais que os humanos observavam e sentiam vontade de caçar. Ademais, a motivação por trás das pinturas rupestres ainda é motivo de muito debate, pois é improvável que os humanos se arriscassem em cavernas quase inacessíveis só para decorá-las. Todavia, acredita-se que os artistas pré-históricos haviam uma forte crença no “poder das imagens”, portanto, eles acreditavam que, ao desenhar a presa, ela olharia o desenho e se renderia ao caçador. Outra tese muito defendida, é que os desenhos tinham um significado muito mais profundo, sobretudo religioso, em que os principais desenhos estavam atribuídos a religião ou atos xamânicos.

Os métodos utilizados para o desenvolvimento das artes rupestres eram, no mínimo, peculiares. O método utilizado para fazer o pigmento consistia nos seguintes ingredientes: Água, urina, sangue animal, gordura e, para a fixação, clara de ovo. Logo depois, o método utilizado para a fixação do pigmento era esfregar as próprias mãos na superfície, ou soprar por meio de um cano. E por fim, o método utilizado para o desenho, era fazer pincéis com pelos de animais, penas ou palitos repartidos.

Registros datam que as pinturas rupestres podem ter começado há 40.000 anos. No entanto, essa data pode não estar correta. Isso se dá pelo fato da possibilidade da datação do carbono (método usado para descobrir a idade de fósseis) estar errada, pois quando uma amostra é danificada, o resultado também é prejudicado. Portanto, a data ainda é incerta e debatida. O primeiro contato registrado de um humano com a arte rupestre foi em 1879, pelo arqueólogo Marcelino Sanz de Sautuola.

Os primeiros vestígios de pinturas rupestres foram encontrados em Altamira, na Espanha. Em 1879, Marcelino Sanz de Sautuola, enquanto procurava por peças pré-históricas junto de sua filha, teve o privilégio de fazer o primeiro registro de um local que continha artes rupestres. As pinturas rupestres de Altamira consistiam em representações altamente realistas de animais, como bisões, cavalos e cervos. Vale ressaltar a importância de Altamira para o prisma da humanidade em relação à arte, fornecendo evidências do talento e criatividade dos artistas pré-históricos. Por tudo, Altamira foi declarado um patrimônio mundial pela UNESCO, desde 1985.

O resultado das pinturas rupestres foi a arte que conhecemos hoje em dia, que se desenvolveu por muito tempo, passando desde os desenhos primitivos de simples carimbos de mãos, chegando até obras como a Monalisa. Portanto, a arte rupestre foi de suma importância para que a humanidade fizesse mais um avanço rumo à prosperidade. Como não bastava apenas desenhá-los, os humanos também queriam domesticar os animais, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO CINCO: DOMESTICAÇÃO
(10.000 A.E.C)

A domesticação é o domínio de humanos sobre plantas silvestres e animais. A domesticação, sobretudo dos animais, foi essencial para que a humanidade prosperasse em termos econômicos e sociais. Inicialmente, os humanos haviam apenas um propósito com a domesticação dos animais: Comê-los. Contudo, a perspectiva da humanidade sobre os animais foi mudando gradativamente, portanto, o homem passou a enxergar os animais não só como alimento, transporte e vestimenta, mas também como parte da sociedade.

Os primeiros animais domesticados foram os lobos, há cerca de 15.000 anos. O processo de domesticação foi gradativo e demorado, em que a cada espécie domesticada, os humanos notavam ainda mais que o benefício poderia ser mútuo, integrando os animais à sociedade. Após os lobos, outros animais essenciais foram domesticados, como: As ovelhas (10.000 A.E.C); Cabras (9.000 a.E.C); Porcos (9.000 a.E.C); Gado (8.000 a.E.C); Cavalos (7.000 a.E.C); Gatos (5.000 a.E.C); Galinhas (4.000 a.E.C) Como pode se observar, o processo para domesticação foi extremamente demorado. No entanto, as mudanças foram extremamente positivas, pois a cada geração, as espécies apresentavam comportamentos mais dóceis, submissos e harmônicos.

No período Neolítico, os humanos finalmente deixaram de ser nômades, para adotarem um estilo de vida sedentário, agora fixando sua dominância em um lugar fixo. Agora precisando caçar e plantar seus próprios recursos, os seres humanos perceberam que precisariam de animais para procriarem, assim fazendo uma fonte de comida fácil, poupando esforços e reforçando o sedentarismo Neolítico. À vista disso, os humanos começaram o processo de domesticação de plantas e animais, o que foi difícil, pois todos os animais eram extremamente selvagens e hostis, dificultando a alimentação e causando potenciais crises de recursos. Portanto, a única coisa que restava a fazer era esperar que os animais companheiros viessem até à humanidade, não o contrário.

Os lobos, que foram os primeiros animais a serem domesticados, alimentavam-se exclusivamente dos restos deixados pelos seres humanos e, posteriormente, foram se aproximando das aldeias, chegando à harmonia completa com as tribos, que agora contavam com a companhia dos lobos para caças. Dessa forma, os humanos notaram que poderiam viver de forma pacífica com certas espécies, fornecendo benefício mútuo entre as partes. Ademais, os humanos começaram a enxergar outras utilidades para os animais, como a

vestimenta, no caso das cabras e ovelhas, assim como o transporte, no caso de camelos, cavalos e burros.

Os resultados da domesticação, sobretudo dos animais, foram que agora os humanos poderiam ter não só formas fáceis de comida, alimento e transporte, mas também companheiros que trouxeram inúmeros benefícios para a humanidade, que agora queria domesticar as plantas, para que a dieta não fosse baseada totalmente em carne, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO SEIS: PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES (MESOPOTÂMIA)
(4.000 A.E.C)

A Mesopotâmia foi uma das primeiras civilizações da humanidade, em que sua economia era baseada essencialmente na agricultura, por conta da crescente fértil, que é constantemente alimentada por dois rios: Eufrates e Tigre. Isso nos traz a origem do nome "Mesopotâmia" que significa "Entre rios" ou "Entre dois rios", o que levou as civilizações mesopotâmicas a ficarem conhecidas como civilizações hidráulicas. As civilizações da Mesopotâmia passaram por diversas mudanças, com diversas perdas e conquistas, revolucionando a história e trazendo inovações, entre elas: A invenção da escrita cuneiforme, a invenção da matemática, a invenção da astronomia e a invenção do calendário.

Os primeiros povos mesopotâmicos foram os sumérios. Os sumérios surgiram há cerca de 3.500 A.E.C. O idioma falado pelos sumérios era a linguagem suméria, que foi o primeiro idioma a ser escrito na linguagem cuneiforme. Os sumérios eram politeístas, ou seja, acreditavam em diversos deuses, como Enil, deus do ar e do vento, e Inanna, deusa do amor e da guerra. Isso foi essencial para o desenvolvimento da arquitetura, porque os sumérios haviam a crença que as terras pertenciam aos deuses, o que levou aos sumérios construírem diversos monumentos, como os zigurates, que eram torres de templos que serviam como centros, sobretudo religiosos e administrativos. Os sumérios haviam um forte conhecimento comercial, que foi o motivo de sua prosperidade, baseando-se principalmente nos produtos feitos com argila e no seu sistema complexo de irrigação, que visava aproveitar ao máximo a fertilidade dos rios Eufrates e Tigre. Ademais, os sumérios também inventaram o calendário, além de introduzirem a medida de tempo, como 60 minutos para uma hora e 60 segundos para um minuto. No entanto, após o enfraquecimento do povo sumério, a Suméria começou a ser invadida por povos semitas e, posteriormente, a Suméria foi tomada pelos acádios, dando início a um novo período.

Os sucessores dos sumérios foram os acádios, que dominaram a Mesopotâmia em 2.334 A.E.C, sob o comando de Sargão I. Os acádios herdaram muitas das características sumérias. Todavia, o sistema não era mais baseado em cidade-estado, o que foi responsável pelo surgimento do primeiro império do mundo, entretanto, algumas províncias cidade-estado sumérias se rebelavam constantemente, enfraquecendo a Acádia. O idioma falado pelos acádios era a linguagem acádio, uma linguagem semítica, ademais, os acádios aprimoraram a escrita cuneiforme e deram origem ao primeiro idioma falado. Considerando que a literatura acádia era sagrada, esse foi o maior feito dos acádios. Os acádios também eram politeístas, embora também cultuassem o seu rei após sua morte,

o que levou ao aprimoramento geral da arquitetura, deixando as cidades ainda mais imponentes. Contudo, após o enfraquecimento do curto império acádio, a Acádia começou a ser invadida pelos amoritas e, posteriormente, a Acádia foi tomada pelos babilônios (amoritas), dando início a um novo período.

Os sucessores dos acádios foram os amoritas (babilônios), que dominaram a Mesopotâmia em 2.000 A.E.C, sob o comando de um dos maiores líderes da história: Hamurabi, que deu início ao primeiro império babilônico, dominando a Mesopotâmia inteira, colocando a Babilônia como capital. Hamurabi inventou um dos primeiros códigos de leis escritas, o famoso “Código de Hamurabi”, que era baseado principalmente na lei de Talião: “Olho por olho, dente por dente...”. Esse código era baseado na punição proporcional ao delito cometido. Entretanto, a segregação social era explícita, tendo leis específicas para cada classe social. No período de Hamurabi, a economia do primeiro império babilônico era baseada essencialmente na agricultura e na arquitetura. A arquitetura da Babilônia trouxe diversas maravilhas arquitetônicas para o mundo, como a Torre de Babel e os Jardins Suspensos. Contudo, com o enfraquecimento do império babilônico, causado pela morte de Hamurabi, a Babilônia começou a ser atacada pelos assírios e, posteriormente, a Babilônia foi tomada pelos assírios, marcando o início de um novo período.

Os sucessores dos babilônios foram os assírios, que dominaram a mesopotâmia em 689 A.E.C, sob o comando de Assurbanípal II. O império assírio foi marcado pela extrema violência, liderados por seus guerreiros notórios extremamente militarizados. A violência foi empregada para causar medo e submissão nos civis da Assíria, em que os métodos variavam desde empalamentos até esfolamentos com pessoas vivas. Toda essa violência foi responsável por várias rebeliões, uma delas se destacou, sendo a rebelião em que Nabopolassar liderou os povos caldeus para uma nova ascensão na babilônia, formando assim o segundo império babilônico, dando início a um novo período.

Os sucessores dos assírios os foram caldeus, ou neobabilônios, que dominaram a mesopotâmia em 612 A.E.C, sob o comando do filho de Nabopolassar, Nabucodonosor. Nabucodonosor transformou a babilônia em um centro cultural imenso, além de dominar Jerusalém, aprisionando o rei e os nobres na babilônia, dando origem ao “Cativeiro da Babilônia”. Após o falecimento de Nabucodonosor, o império babilônio se enfraqueceu por conta de falta de administração, levando à invasão do império persa, em 539 A.E.C.

Em síntese, o desenvolvimento de civilizações foi essencial para o avanço da humanidade, trazendo conceitos como: Arquitetura, agricultura, astronomia, matemática, sobretudo a escrita, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

CAPÍTULO DOIS: IDADE ANTIGA

MARCO SETE: INVENÇÃO DA ESCRITA CUNEIFORME
(3.200 A.E.C)

A escrita cuneiforme foi a primeira forma de escrita da história, surgindo no mesmo período que os hieróglifos. Com mais de 2000 símbolos, o idioma cuneiforme começou sendo utilizado pelos sumérios, que o utilizavam de formas variadas, sobretudo para administração e contabilidade. A escrita cuneiforme era utilizada principalmente em paredes e tabuletas. Isso nos leva à origem do nome “cuneiforme” que vem do latim, tendo o significado de “cantos”, “lados” ou “paredes”. A escrita cuneiforme foi essencial para o desenvolvimento das sociedades, sendo ainda objeto de muito estudo por parte de historiadores, que a cada símbolo decifrado, uma parte da humanidade é descoberta. Dessa forma, compreendendo melhor o funcionamento comportamental das civilizações antigas, sobretudo os mesopotâmicos. Dada a sua importância, a escrita cuneiforme marcou a transição entre pré-história e história.

Os símbolos cuneiformes eram principalmente feitos de argila ou barro, sendo aplicados em paredes de monumentos, cavernas e tabuletas. A produção de escrituras cuneiformes variava muito dependendo do nível de importância da informação. Por exemplo, quando os civis desejavam que a informação fosse permanente, eles levavam a tabuleta ao forno, no caso de registros ou códigos de leis. Caso contrário, quando os cidadãos julgavam a informação como não importante, eles não a levavam ao forno, reutilizando a tabuleta para informações mais relevantes. Portanto, acredita-se que muitos registros importantes da escrita cuneiforme tenham sido apagados, dificultando boa parte da compreensão das civilizações antigas e seus comportamentos.

A escrita cuneiforme foi criada essencialmente para organizar informações e fazer registros, assim como as pinturas rupestres. O idioma cuneiforme era principalmente utilizado na administração e contabilidade, fazendo o registro de bens, códigos de leis e transações primitivas. A linguagem cuneiforme facilitou muito a vida dos cidadãos da Mesopotâmia, que agora poderiam organizar seus registros em bibliotecas, templos e até mesmo na natureza.

Registros datam entre 3.500 e 3.200 anos, desde a invenção da escrita cuneiforme. Todavia, o processo de evolução da escrita cuneiforme foi demorado e gradual. Isso se devia à desorganização inicial da linguagem, pois quando um cidadão queria se expressar por meio da escrita, a única maneira disponível era utilizar de símbolos aleatórios, o que dificultava a compreensão da linguagem e limitava o uso do idioma apenas à elite e às pessoas mais escolarizadas. No entanto, com a evolução da educação, os mais de 15 idiomas derivados do cuneiforme foram evoluindo, até se tornarem gradativamente um idioma popular

que era utilizado em toda a Mesopotâmia, sendo gradualmente substituído por idiomas mais simples.

Os resultados foram mudanças e inovação na arte por meio da escrita, proporcionando todas as maravilhas que a escrita nos trouxe ao longo dos anos, como livros, pergaminhos e documentos. Agora que os humanos já desenharam nas paredes, domesticaram os animais, construíram civilizações e inventaram a escrita. Portanto, chegou a hora de construírem algumas pirâmides, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO OITO: CONSTRUÇÃO DAS PIRAMIDES DE GIZÉ
(2.560 A.E.C)

As Pirâmides de Gizé são monumentos históricos e notáveis criados pelas civilizações do Egito Antigo. As pirâmides foram essenciais no desenvolvimento arquitetônico da humanidade, que precisou explorar da criatividade para que conseguissem fazer construções magníficas como as Pirâmides de Gizé. Por toda sua magnitude, as Pirâmides de Gizé foram consideradas como uma das 7 maravilhas do mundo antigo.

Consta que as Pirâmides de Gizé começaram a ser construídas por volta de 2.589 a 2.566 A.E.C, durante o reinado do faraó Queóps (Avô de Menkauré e pai de Quéfren), em que a maior pirâmide, conhecida como Pirâmide de Queóps, foi construída. Por volta de 2.558 a 2.532 A.E.C, a segunda maior pirâmide, conhecida como Pirâmide de Quéfren, foi construída durante o reino do faraó Quéfren (Pai de Menkauré e filho de Queóps). Por volta de 2532 a 2.504 A.E.C, a terceira maior pirâmide, conhecida como Pirâmide de Menkauré, foi construída durante o reino do faraó Menkauré (Neto de Queóps e filho de Quéfren).

As formas de construção das pirâmides do Egito ainda são objeto de muito estudo, sendo ainda alvo de discussões e constantemente teorizadas de forma conspiratória. No entanto, acredita-se que a construção das pirâmides foi um processo gradual e demorado, sendo dividido nas seguintes etapas: Escolha do local, preparo do local e o levantamento dos blocos.

A primeira etapa consistia em escolher o local, mas não qualquer local. O lugar tinha que ser ao leste do rio Nilo, para que os blocos fossem transportados com menores níveis de dificuldade, ademais, o local tinha que ser alvo de onde o sol se punha, pois, esse local era considerado o portal para a vida após a morte.

A segunda etapa constituía-se em preparar o local escolhido, que era a etapa mais difícil, porque envolvia engenharia extremamente avançada. Para preparar o local, os trabalhadores tiveram primeiro que preparar um solo firme, removendo a areia solta da rocha, então, a base da pedra teve de ser absolutamente planificada. Em seguida, os trabalhadores fizeram canais em um padrão de grade sobre a superfície. Logo depois, os trabalhadores enchiam os canais com água e marcavam o nível que a água poderia atingir. Depois que a água escoou dos canais, as rochas salientes foram cortadas na medida indicada. Conquanto nenhum plano tenha sido encontrado nas Pirâmides de Gizé, os

egípcios tiveram que traçar cada centímetro quadrado da pirâmide, começando pelo norte e calculando as outras direções com base nele. Tudo isso porque a pirâmide tinha que enfrentar cada ponto cardinal: Norte, sul, oeste, leste. Sendo assim, todos os lados e quadrados foram exatamente iguais.

Por fim, considera-se que os egípcios começaram pelas partes internas da pirâmide, fazendo-a em torno dessas partes. O método para o carregamento dos tijolos pesadíssimos da pirâmide ainda é desconhecido, mas a teoria mais aceita é que os mais de 100 mil trabalhadores transportavam as cargas de pedras pelo rio Nilo. Portanto, a construção das pirâmides foi extremamente precisa e planejada, marcando assim um avanço extremo na arquitetura global, sobretudo egípcia.

O objetivo das Pirâmides de Gizé era abrigar os faraós em sua pós-morte, pois, eles eram vistos como divindades. Isso explica o fato de as pirâmides parecerem com raios de sol, que eram reverência a Rá, deus do sol. O complexo das três maiores pirâmides era destinado aos faraós Quéops, Quéfren e Menkauré. Enquanto as mais de 100 pirâmides menores eram destinadas para pessoas de menor escalão, como rainhas, sacerdotes e funcionários do governo.

Os resultados das Pirâmides de Gizé foram os aprimoramentos arquitetônicos egípcios e o reforço da crença egípcia, além da nova gama para estudos dos historiadores, que ainda trabalham arduamente para decifrar os “Por quês” das pirâmides egípcias, sobretudo o método de construção, que ainda é um mistério. Agora que os humanos já desenharam em cavernas, domesticaram os animais e plantas, formaram cidades, inventaram a escrita e construíram pirâmides imensas, chegou a hora de perturbar a paz e começar uma guerra, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO NOVE: FUNDAÇÃO DE ROMA
(753 A.E.C)

A Roma Antiga foi uma cidade-estado que fazia parte da península Itálica, principalmente atribuída aos gêmeos Rômulo e Remo. Roma foi essencial para o desenvolvimento dos sistemas governamentais, trazendo muitos progressos para conceitos econômicos, produtivos e sociais, estabelecendo explicitamente a ideia de classes sociais. Ademais, a Roma foi um dos primeiros centros multiculturais da história, abrigando diversos povos de variadas culturas, o que foi um avanço significativo na busca pela pluralidade cultural. Portanto, a Roma Antiga foi mais do que uma cidade na Itália, sendo um dos locais mais ricos e influentes da história mundial.

Durante o período de Monarquia e República, Roma teve diversos líderes, sendo eles no período monárquico: Rômulo (753 A.E.C-715 A.E.C), Numa Pompílio (715 A.E.C-675 A.E.C), Túlio Hostílio (675 A.E.C-642 A.E.C), Anco Márcio (642 A.E.C-616 A.E.C), Tarquínio Prisco (616 A.E.C-579 A.E.C), Sêrvio Túlio (579 A.E.C-553 A.E.C) e Tarquínio, o Soberbo (535 A.E.C-509 A.E.C). O mais importante dos reis foi Rômulo que, segundo a mitologia Romana, foi o principal responsável pela fundação de Roma, resultando na morte de seu irmão gêmeo, Remo.

A Roma Antiga foi fundada em 753 A.E.C, passando por diversas mudanças em seu sistema de governo, portanto, sendo dividido nos seguintes períodos: Monarquia Romana (753 A.E.C-509 A.E.C); República Romana (509 A.E.C-27 A.E.C); Império Romano (27 A.E.C-476 D.E.C). Todos esses períodos foram essenciais para a história de Roma, trazendo avanços e conceitos inéditos.

A Monarquia Romana (753 A.E.C-509 A.E.C) teve início após a fundação de Roma pelos povos latinos, sobretudo misticamente por Rômulo e Remo. O sistema monárquico de Roma havia seu governo exercido por reis, embora o tamanho do poder real tenha sido diminuído por questões políticas posteriores, como o senado e magistrados. Durante o período monárquico Romano, o principal acontecimento é marcado por estabelecer as divisões sociais, as quais eram separadas em: Patrícios, a nobreza aristocrática que era dona das terras e havia alta influência política; Clientes, plebeus associados com patrícios, que não haviam terras, conquanto tivessem proteção dos Patrícios; Plebeus, proletariados sem associação com patrícios, que não haviam terras, proteção, direitos políticos e trabalhavam para as outras camadas sociais; Escravos, proletariados endividados ou escravos de guerras, que não haviam terras, tampouco proteção e direitos políticos, portanto, sendo propriedade de seus

senhores e realizando atividades forçadas. Dessa forma, o período de monarquia em Roma foi essencial para o desenvolvimento de ideologias políticas, sociais e econômicas.

A República Romana (509 A.E.C-27 A.E.C) teve início após a queda do último rei etrusco, Tarquínio, o Soberbo, quando o senado assume o poder e funções do governo. Devido à má experiência monárquica, os Romanos optaram por não atribuir todo o poder a uma só pessoa. Dessa forma, eliminando completamente a figura de um rei, deixando o poder para no mínimo duas pessoas. Essas pessoas eram chamadas de consulês e haviam apenas um ano de mandato. Dessa maneira, o governo republicano de Roma agora era formado por sete instituições, sendo elas: Senado, que era composto por patrícios que forneceram alguma contribuição para a república. As ocupações do senado eram a constituição da política internacional e da supervisão das magistraturas; Magistratura, os magistrados haviam o benefício de ter lugares privilegiados em cerimônias públicas e espetáculos, assim como o uso de cores diferenciadas em acordo com sua ocupação; Cônsul, os cônsules comandavam o poder militar. No caso de um conflito ou incapacitação de um cônsule, eram substituídos por um ditador. Os cônsules haviam um ano de mandato; Pretor, os pretores executavam diversas funções, sobretudo a administração da justiça; Edil, os edis tinham a função de inspecionar os bens públicos; Censor, os censores eram responsáveis por contar a população, vigiar a conduta moral e fiscalizar os candidatos a Edil. Questor, os questores eram responsáveis por cobrar tributos e proteger o patrimônio Romano. O conflito de classes entre patrícios e plebeus era constantemente presente em Roma, resultando em uma profunda arruinação na República Romana. Afinal, o exército era composto principalmente por plebeus que não haviam direitos políticos, causando diversas revoltas e ataques ao sistema republicano. Com a intenção de pressionarem os Patrícios a cederem mais direitos políticos para as classes subalternas, os plebeus decidiram sair de Roma, saída que ficou conhecida como Revolta do Monte Sagrado. O seu retorno foi marcado pela negociação do Tribunal da Plebe, no ano de 494 A.E.C. Essa negociação dos direitos políticos foi essencial para os plebeus, que agora possuíam tantos direitos quanto os patrícios. Posteriormente, os plebeus conseguiram ter mais poder político que os patrícios, o que resultou na criação das seguintes leis: Assembleia, que é um sistema representativo popular; Leis das dozes tábuas (450 A.E.C): As leis de Roma agora eram escritas e expostas aos plebeus, para evitar injustiças; Leis Licínias (367 A.E.C): Agora no mínimo um cônsule deve ser plebeu; Leis Canuleias 445 (A.E.C): Agora um plebeu poderia casar-se com um patrício. Dessa forma, com a tranquilização da luta de classes, a República Romana começou a sua expansão militar, dominando toda a península Itálica. Em seguida, Roma invadiu a Grécia, trazendo consigo a

filosofia, os deuses e diversos costumes culturais. Por fim, partiram para o conflito de Cartago, que durou 120 anos, com vitória Romana. Com toda a expansão da República Romana, a administração tornou-se extremamente complicada devido ao tamanho territorial, à diversidade dos povos e à ineficácia da fragmentação do poder, além dos constantes escândalos de corrupção entre os magistrados. Portanto, os Romanos buscavam uma nova forma de centralizar o poder. Assim, escolhendo um imperador e, posteriormente, formando o Império Romano.

Os resultados da fundação de Roma foram os avanços significativos na busca pelos direitos humanos, cultura e a modernização política. Contudo, o período antigo Romano foi marcado por tragédias como guerras e escravidão generalizada, o que aumentaria na criação do Império Romano, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO DEZ: IMPÉRIO PERSA
(550 A.E.C – 330 A.E.C)

O Império Persa surgiu após a queda do segundo Império Babilônio. A hegemonia persa desempenhou um papel muito importante nos aspectos socioeconômicos, culturais e religiosos da humanidade, sendo um governo com extrema influência para a história. Vale destacar os avanços políticos que os persas fizeram, sendo um dos primeiros impérios a fazer reformas políticas e administrativas, dando autonomia e fortalecendo o conceito de cidade-estado, que era muito presente na idade antiga, como em Roma e até na Mesopotâmia. Dessa forma, os persas trouxeram inúmeras contribuições para a humanidade, fazendo avanços econômicos, arquitetônicos e reforçando a tolerância religiosa.

A política persa foi uma das razões cruciais para toda a prosperidade econômica do Império. A prosperidade se dava por conta da boa administração e empreendedorismo por parte dos imperadores. Graças aos governadores, conhecidos como “sátrapas”, os territórios conquistados na Pérsia eram bem administrados por causa de uma das primeiras revoluções políticas e administrativas da história, que trouxe diversas melhorias para o governo persa. Outro fator crucial para a prosperidade da Pérsia foi a construção da Estrada Real, facilitando as rotas comerciais e, dessa forma, aumentando o patrimônio persa. As inovações agrícolas e a alta cobrança de impostos também foram de suma importância para a autonomia das cidades conquistadas pela Pérsia, que eram relativamente autônomas, todavia, eram controladas pelo Império Persa.

O primeiro imperador persa foi Ciro, o Grande (560 A.E.C-529 A.E.C), que foi essencial para a conquista da Mesopotâmia. Entretanto, a expansão e prosperidade dos persas se deve principalmente a Dario, o Grande (550 A.E.C-486 A.E.C). O principal feito de Dario foi a grande expansão do Império Persa, chegando às regiões contíguas da Grécia, onde foi derrotado na Batalha das Maratonas. A Pérsia contou com diversos imperadores de sucesso, sendo eles: Ciro, o Grande (560 A.E.C-529 A.E.C), responsável pela conquista da Mesopotâmia; Dario, o Grande (550 A.E.C-486 A.E.C), responsável pela grande expansão do Império Persa; Xerxes (519 A.E.C-465 A.E.C), responsável por buscar vingança por seu pai, pela derrota na Batalha das Maratonas; Artaxerxes I (497 A.E.C – 427 A.E.C), responsável por uma guerra contra o Egito, comandada pelo seu tio Artabernes. Dário III (380 A.E.C-330 A.E.C), responsável por sua derrota, sendo morto por Alexandre, o Grande, que era rei da Macedônia.

No ano de 558 A.E.C, Ciro, o Grande organizou um movimento de rebelião contra os povos medos, isso se dava pela alta cobrança de impostos

feitas para os persas. Após dominar os territórios medos, Ciro decidiu dominar a Mesopotâmia inteira, que passava por grandes problemas de corrupção e falta de administração. Posteriormente, os persas conquistaram a Grécia e todo o Egito, dominando também os povos semitas e hititas. Todavia, Ciro havia um grande respeito por todas as culturas e religiões, portanto, não impunha restrições aos costumes e tradições de povos conquistados.

Os resultados do Império Persa foram as inovações políticas, sociais e religiosas para a sociedade, trazendo a tolerância religiosa e as revoluções políticas e administrativas como principais feitos. Portanto, o Império Persa foi de suma importância para o enriquecimento da história, no entanto, agora a Pérsia havia um novo dono, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO ONZE: IMPÉRIO ROMANO
(27 a.E.C – 476 d.E.C)

O Império Romano foi a maior civilização da história. Sua supremacia foi um dos maiores componentes da história mundial, com uma duração de quase um milênio e meio. O Império Romano foi responsável por desenvolver diversos aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos e o mais importante: Arquitetônicos. Os avanços da engenharia em Roma foram tidos como verdadeiros milagres, proporcionando obras como o Coliseu e os Aquedutos. Entretanto, Roma também ficou marcada por ser completamente dependente do trabalho escravo, o que foi um regresso não só para a humanidade, mas também para Roma. Por tudo, o Império Romano foi um dos períodos mais importantes para a história, sendo objeto de estudo até os dias atuais.

O Império Romano teve seu início em 27 a.E.C a morte de Júlio César e a ascensão de Otávio, o que causou a queda da República. Além das mortes e ascensões, o período republicano de Roma passou por diversos problemas, como má administração, rebeliões de escravizados, instabilidade econômica e os escândalos de corrupção, o que levou os Romanos a buscarem novamente a centralização do poder, mas com uma figura imperial.

O principal responsável pela ascensão do Império Romano foi Júlio César, conquanto o período romano só tenha iniciado após sua morte e a ascensão do seu sobrinho-neto, Otávio. Júlio César havia uma vontade insaciável de vencer e conquistar, além de um ego inabalável. Essa vontade se provou no dia em que Júlio César comandou um dos maiores milagres da engenharia, que foi uma ponte, conhecida como Ponte de César, que atravessava o rio Reno, dando acesso direto à Gália, que foi dominada pelos Romanos. Entretanto, essa vontade causaria a morte de Júlio César em 44 a.E.C, comandada pelo grupo de senadores Brutus e Cassius, evento que ficou conhecido como o Assassinato de Júlio César.

Após a morte de Caio Júlio César (100 A.E.C -44 A.E.C), o primeiro imperador de Roma foi seu sobrinho-neto, Otávio. Otávio chegou ao poder graças a sua vitória na disputa contra Marco Antônio, tornando-se muito poderoso. Com isso, Otávio recebeu diversos títulos, entretanto, três foram essenciais para sua chegada ao poder: O primeiro título destaque foi o de Princeps Senatus, ou príncipe do senado, que dava direitos exclusivos no senado para Otávio; O segundo título destaque foi o de Imperator, que dava o cargo de comandante-chefe do exército; O terceiro título destaque foi o de Augusto, que dava uma conotação divina para Otávio, que ficaria conhecido

como Otávio Augusto. Por tudo, Otávio havia poder quase ilimitado, o que ficou marcado pelo fim da república, iniciando o Império. Otávio havia muita habilidade política e era um estrategista nato, pois com todo o poder em suas mãos, Otávio não desafiou o senado e tampouco retirou seus benefícios, mantendo a aparência republicana. O governo de Otávio ficou marcado por grande estabilidade política e econômica, trazendo novos territórios e escravos, que eram essenciais na economia Romana. O período que Otávio ficou no poder ficou conhecido como Pax Romana, período esse que duraria 200 anos.

Após a morte de Otávio (63 a.E.C – 14 d.E.C) e o assassinato de Calígula (12 d.E.C - 41 d.E.C), o próximo imperador destaque foi Cláudio César, sendo o primeiro imperador a não nascer na Itália. Após a morte de Cláudio César (10 a.E.C – 60 d.E.C), envenenado por sua esposa Agripina, o próximo imperador destaque foi Nero, filho de Agripina. Nero foi o suposto responsável pelo incêndio em Roma. Após a morte de Nero (37 d.E.C – 68 d.E.C), o próximo imperador destaque foi Tito, responsável pela conclusão do Coliseu e a destruição de Jerusalém, dispersando os judeus pelo mundo. Após a morte de Tito (39 d.E.C – 81 d.E.C), o próximo imperador destaque foi Trajano, responsável por diversas conquistas territoriais, além de obras para a melhora de higiene e saúde do povo romano, como a coluna de Trajano e o Fórum de Trajano. Após a morte de Trajano (53 d.E.C – 117 d.E.C), o próximo imperador destaque foi Adriano, que foi um dos maiores imperadores da história de Roma, comandando a reforma imperial por meio do Édito perpétuo, publicado em 131. Após a morte de Adriano (76 d.E.C – 138 d.E.C), o próximo imperador destaque foi Diocleciano, que foi responsável por dar continuidade ao processo de divisão do Império Romano. Após a morte de Diocleciano (243/244 d.E.C – 311/312 d.E.C), o próximo imperador destaque foi Constantino (272 d.E.C – 337 d.E.C), responsável por concluir o processo de divisão do Império Romano, dando o nome de Constantinopla para o Império Romano Ocidental, em 330 d.E.C. Todos esses imperadores foram essenciais para o desenvolvimento de Roma, embora alguns imperadores tenham sido verdadeiros tiranos.

Graças às grandes expansões feitas nos períodos de Júlio César e Trajano, o Império Romano contava com uma área muito extensa, englobando toda a Europa, o norte da África e parte do Oriente Médio. Todavia, posteriormente Roma começou a se defender mais do que atacava, sendo alvo de diversos ataques bárbaros em suas fronteiras, além de não conseguir ganhar guerras muito lucrativas. Tudo isso causou um colapso na oferta de escravos, que era uma parte crucial na economia romana, fazendo com que Roma

passasse por problemas de instabilidade social e política. Como a economia de Roma estava passando por diversos problemas, o senado havia duas opções: Diminuir a verba para o exército, o que diminuiria a proteção das fronteiras romanas; Aumentar os impostos, o que causaria diversas revoltas nas classes subalternas de Roma. Portanto, para melhores condições administrativas, militares e econômicas, o imperador Diocleciano resolveu continuar o processo de divisão de Roma em Ocidental e Oriental. A parte oriental teria sua capital em Bizâncio, enquanto a capital ocidental permaneceria em Roma. Posteriormente, o imperador Constantino efetivou a divisão, mudando o nome de Bizâncio para Constantinopla, formando gradualmente o Império Bizantino, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO DOZE: IMPÉRIO BIZANTINO
(395 – 1453)

O Império Bizantino foi um dos maiores impérios da história, durando mais de um milênio. O Império Romano do Ocidente surgiu graças a separação feita por Diocleciano, em 285 d.E.C, tendo o fim do processo no império de Teodósio I, em 395 d.E.C. O Império Bizantino foi marcado pela grande influência religiosa, dando ênfase a religiões como o cristianismo e o cristianismo ortodoxo. A influência religiosa sobre o Império Bizantino resultou em diversas guerras, polarizando ainda mais o mundo em ocidental e oriental. Contudo, o Império Bizantino também foi marcado por grandes avanços em áreas como direito, política, literatura, filosofia, arquitetura, arte e economia.

A origem do termo “Bizantino” se dá pela capital do Império Romano do Ocidente, que era Bizâncio, cidade fundada pelos gregos em 657 a.E.C, às margens do mar Negro e do mar Mediterrâneo. Posteriormente, com a divisão do Império Romano em 330 d.E.C, a capital do Império Bizantino passou a se chamar Constantinopla, em homenagem ao imperador Constantino, filho de Constantius. O Império Bizantino teve sua origem devido aos problemas enfrentados em Roma, como colapsos na economia, saqueamentos bárbaros, problemas administrativos e desmilitarização das fronteiras. Portanto, o imperador Diocleciano decidiu dividir o Império Romano em ocidental e oriental, entretanto, foi no governo de Teodósio I que a divisão foi concluída, com Bizâncio já rebatizada como Constantinopla, que permaneceria até 1453, com a tomada da capital pelos turcos.

O principal imperador do Império Bizantino foi Justiniano, o Grande (482-565). O governo de Justiniano foi responsável por grandes avanços na área do direito, com o principal feito sendo o Corpus Juris Civilis, que foi um conjunto de leis para maior igualdade social. O primeiro elemento do Corpus Juris Civilis era o Códex Justinianus, contendo toda a legislação Romana revisada. O segundo elemento era o digesto, contendo toda a jurisprudência Romana. O terceiro elemento era os institutos, com os principais fundamentos do direito. Por fim, o último elemento era as novelas, com a legislação formulada por Justiniano. Entretanto, com todos esses progressos, Justiniano era um verdadeiro déspota, usando da violência e tirania para aumentar seu poder, considerando que agora o senado era só um conselho honorário. Ademais, Justiniano também foi responsável por conquistar grande parte do território perdido pelo Império Romano do Ocidente, que foi saqueado e conquistado por bárbaros germânicos. Entretanto, com a morte de Justiniano, posteriormente o Império Bizantino acabou perdendo os territórios.

A economia do Império Bizantino era baseada no comércio de insumos agrícolas, tecidos, escravos, ouro, prata, cobre e outros metais. Em tese, a prosperidade econômica do Império Romano do ocidente se deve às rotas comerciais marítimas, que eram parte essencial da importação e exportação de produtos. Devido às fortes influências cristãs do território Bizantino, os Bizantinos deixaram de ser politeístas, agora sendo monoteístas, tendo cristo como sua figura principal, além do próprio imperador. A influência religiosa no Império Bizantino resultou em uma polarização extrema nas religiões, com os cristãos cultuando imagens em suas igrejas, enquanto os cristãos ortodoxos não cultuavam nenhuma imagem. Esse fato resultou em uma rebelião dos ortodoxos, que passaram a destruir todas as imagens que os cristãos veneravam.

Os resultados do Império Bizantino foram os avanços no direito, com o Corpus Juris Civilis, na arquitetura, com a Igreja de Sofia, na religião, com o Cristianismo e na filosofia, com a cultura greco-romana. No entanto, com o enfraquecimento do Império Bizantino, sua queda tornou-se inevitável, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

CAPÍTULO TRÊS: IDADE MÉDIA

MARCO TREZE: QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE
(476 d.E.C)

A queda do Império Romano do Ocidente foi o marco responsável pela transição entre idade antiga e idade média. A queda do Império Romano foi um dos maiores acontecimentos da história, envolvendo diversos fatores essenciais para sua constituição, dentre eles: A sua extensão; O colapso no sistema escravista; O colapso na economia; A ascensão do Cristianismo; As invasões bárbaras. Portanto, a queda do Império Romano não foi instantânea, levando três séculos até sua concretização.

A grande extensão do Império Romano foi o primeiro fator que levou à sua queda. Devido às frequentes expansões feita por imperadores passados, a administração ficava cada dia mais difícil, sobretudo por causa de rebeliões e frequentes escândalos de corrupção. Portanto, o Império Romano decidiu focar na administração das províncias, pausando as frequentes guerras. No entanto, as guerras eram justamente a principal fonte de renda dos romanos, destarte, o Império Romano deixou de escravizar seres humanos, o que leva ao segundo fator responsável por sua queda.

O colapso no sistema escravista foi o segundo fator que levou à sua queda. Devido à decisão de pausar as guerras e focar na administração, Roma deixou de conseguir novos escravos, o que causou um colapso generalizado nas províncias. Como grande parte da população de Roma habitava o campo, toda a mão de obra era escrava, portanto, como não haviam mais escravos, a safra foi extremamente prejudicada. Posteriormente, os proprietários de fazendas começaram a fazer acordos com os escravizados, que era a troca entre mão de obra, pela parte escravizada e a proteção, pela parte proprietária. Com isso, o Império Romano passou a declinar pelo problema mais comum da humanidade: A fome, o que leva ao terceiro fator responsável por sua queda.

O colapso na economia foi o terceiro fator que levou à sua queda. Devido à escassez de escravos, Roma deixou de produzir grande parte de seus produtos, aumentando a inflação, o que levou às rebeliões constantes entre as classes menos afortunadas. Dessa forma, o Império Romano havia apenas duas escolhas: Aumentar os impostos, o que aumentaria ainda mais as rebeliões e guerras civis; Cortar a verba para o exército, que consumia boa parte do orçamento, todavia, as fronteiras Romanas ficariam desprotegidas, aumentando a invasão de povos estrangeiros, o que leva ao quarto fator responsável por sua queda.

A ascensão do Cristianismo não foi diretamente ligada às crises econômicas enfrentadas em Roma. Todavia, a polarização religiosa foi essencial para a sua queda. O Império Romano em sua essência, era adepto ao paganismo, entretanto, em 312 d.E.C, Constantino tornou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano, o que leva ao último fator responsável pela sua queda.

As invasões bárbaras foram o quinto e último fator que levou à sua queda. Com a falta de administração, com o colapso no sistema escravista, com o colapso na economia e com a ascensão do cristianismo, a queda do Império Romano ficava ainda mais iminente. As invasões dos povos considerados bárbaros eram cada vez mais frequentes, diminuindo ainda mais os recursos romanos com os frequentes saqueamentos. Portanto, em 476 d.E.C, o comandante dos Hérulos, Odoacro, apossou-se dos territórios Romanos, removendo o imperador Rômulo Augusto do trono. Dessa forma, Roma foi completamente tomada por povos germânicos, marcando assim, a queda do Império Romano do Ocidente, restando apenas o Império Bizantino, que ficaria até 1453, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO QUATORZE: REINO DOS FRANCOS
(SÉCULO V – SÉCULO X)

O Reino dos Francos foi uma das maiores evoluções da baixa idade média. Os Francos foram responsáveis por trazerem à tona conceitos sociais como união e evolução. Embora o Reinado Franco tenha começado na idade média, a influência Franca segue até a idade moderna e contemporânea, onde influencia culturas como a da França, Alemanha e Itália. Dada a sua importância, o Reino dos Francos foi essencial para o desenvolvimento do direito, religião, educação e arte.

Alheio à crença popular, os Francos não eram um povo só, mas sim a união de diversas tribos germânicas, que viviam às margens do Rio Reno. Os povos germânicos que posteriormente ficariam conhecidos como francos reuniam-se apenas em batalhas, em alguns casos, até aliados com o Império Romano. Após a queda do Império Romano, causada pelos próprios povos germânicos, esses povos reuniram-se ao comando de Clóvis I, que foi responsável por conquistar parte significativa do vácuo deixado pelo Império Romano. Em 496, Clóvis I converteu-se ao Cristianismo devido às alianças feitas com bispos na Gália, tornando o Cristianismo a religião oficial dos povos Francos. Dessa forma, dando início à chamada dinastia merovíngia e ao processo de unificação e união entre estado e igreja.

Após a morte de Clóvis I (466 d.E.C – 511 d.E.C), o Reino dos Francos ficou em um período administrativo conhecido como “reis indolentes”, o que prejudicou muito a administração do reino, deixando-a muito dependente dos nobres, que detinham todo o poder militar e político. Todavia, o governo continuou sua expansão, mas de forma descentralizada e começando o processo de fragmentação total.

No início do século VII, as invasões muçulmanas ficavam cada vez mais fortes e, com a conquista da península ibérica, o próximo destino dos muçulmanos seria o território Franco. Entretanto, em 732 d.E.C, no comando de Carlos Martel, os francos venceram os muçulmanos na Batalha dos Poitiers, que marcou o fim das invasões islâmicas em território europeu. Graças a essa vitória, o Reino Franco obteve diversos benefícios, entre eles a consolidação das alianças com a igreja católica e a fortificação da autoridade franca. No entanto, Carlos Martel não era um rei, mas sim um major domus, que detinha todo o poder, contudo, não era a figura formal de um rei.

Após a morte de Carlos Martel, seu filho, Pepino, o Breve foi responsável por concluir o processo de consolidação entre a igreja católica e os francos. O principal ponto a se destacar foi a troca de favores entre o Reino Franco e a igreja, em que os francos distribuíam terras para os membros do alto escalão da igreja, enquanto a igreja fornecia ajuda política e administrativa. Portanto, em 751 d.E.C, terminava a dinastia merovíngia, dando início à dinastia carolíngia, com Pepino, o Breve sendo o primeiro rei.

Após a morte de Pepino, o Breve (718 d.E.C – 768 d.E.C), seu filho, Carlos Magno foi responsável por revolucionar a dinastia carolíngia. Por toda a sua importância, em 800 d.E.C, Carlos Magno foi nomeado pelo Papa Zacarias III como primeiro imperador Carolíngio, portanto, dando início ao Império Carolíngio. Em seu governo, Carlos Magno foi responsável por “ressucitar” o Império Romano do Ocidente, unificando quase todos os territórios, entretanto sendo sempre supervisionado e justificado pela igreja católica. Ademais, Carlos Magno foi um líder excepcional na revolução da arte, arquitetura, educação, direito e política, em um período conhecido como Renascença Carolíngia. Entretanto, após a morte de Carlos Magno (742 d.E.C – 814 d.E.C), o Império Carolíngio estava em processo de fragmentação total, descentralizando o poder e dando espaço para outros povos. Isso resultou na fragmentação da França entre França Oriental, Ocidental e Central, sendo controlada pela dinastia carolíngia. Devido aos problemas de má administração, o Império Carolíngio fragmentou-se tanto que não poderia mais ser considerado um império, dando fim ao Reino dos Francos. Ademais, nesse mesmo período, outro império estava em declínio, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe.

MARCO QUINZE: SEGUNDA ERA IMPERIAL CHINESA
(SÉCULO V – SÉCULO XII)

A Segunda Era Imperial Chinesa foi responsável por trazer diversos avanços econômicos, artísticos, linguísticos, filosóficos e políticos. Cada dinastia foi responsável por um avanço diferente, enriquecendo a cultura e a história, sobretudo a chinesa. Entretanto, o âmbito militar nunca foi um ponto forte das dinastias chinesas, o que os prejudicou de forma extrema. Portanto, a Segunda Era Imperial Chinesa foi de suma importância para a evolução da sociedade como um todo, trazendo inovações e um verdadeiro renascimento.

Devido às invasões bárbaras, a China passou por um grande período de fragmentação territorial. Entretanto, isso mudaria quando a dinastia Sui unificou novamente os territórios chineses, dando início a uma era próspera e equilibrada. Um dos grandes marcos da dinastia Sui (589-618) foi a reconstrução da Muralha da China, dando abertura ao início de outros projetos. A prosperidade econômica da China na dinastia Sui se deve principalmente à cobrança de impostos e servidão, além da construção do Grande Canal, que foi essencial para a abertura de novos comércios. Contudo, esse equilíbrio econômico não se refletia no âmbito militar, portanto, devido a uma invasão mal-sucedida na Coreia, enfraquecimento militar e revoltas populares, a China fragmentou-se novamente.

A dinastia Tang (618-907) foi responsável por reunificar os territórios chineses. Os Tang foram responsáveis por grandes avanços culturais na China, como a propagação do Budismo e a impressão de blocos para a escritura, que era um ponto de suma importância para os chineses. Ademais, o período dos Tang foi marcado pela primeira mulher a ser autoridade máxima na China. Diferente da dinastia Sui, a dinastia Tang havia um grande poderio militar, conquistando partes da Coreia, Vietnam e da Sibéria. No entanto, algumas tensões internas provocaram a queda dos Tang, como a expansão muçulmana na Batalha de Talas e a rebelião interna de An Lushan. Dessa forma, a China fragmentou-se novamente em 5 dinastias no sul e 10 reinados no norte.

A dinastia Song foi responsável por reunificar os territórios chineses. Os Song foram marcados por uma busca incessante pelo conhecimento, em que revolucionaram a literatura, arte e a filosofia chinesa. Outro fator que marcou a dinastia Song foi a disseminação do Neoconfucionismo, que veio com o objetivo de substituir o Budismo, que era visto como uma religião desnecessária e involutiva na busca pelo conhecimento. Devido ao Neoconfucionismo, a China passou por um grande período de estabilidade política, social e filosófica. Entretanto, novamente a harmonia política não se refletia no âmbito militar, o que foi fatal para a China, que perdeu a sua região norte para povos estrangeiros e, posteriormente, sendo invadida pelo Império Mongol, em 1279, o que provocou

a queda da Segunda Era Imperial Chinesa, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO DEZESSEIS: AS CRUZADAS
(SÉCULOS XI – XIII)

As Cruzadas foram expedições militares, comerciais e religiosas. As cruzadas tiveram impacto significativo no sistema econômico da baixa idade média, marcando o início de um colapso no sistema feudal. Ademais, As Cruzadas mostraram como a desunião pode ser fatal, tendo suas principais falhas baseadas em instabilidades internas, como polarização de opiniões e grupos. Portanto, As Cruzadas foram marcos importantes na divisão do mundo em ocidental e oriental, sobretudo nos valores cristãos e islâmicos.

No século XI, o Império Bizantino passava por um período de paz, resultado das grandes invasões bárbaras de séculos anteriores. Entretanto, Jerusalém era um local sagrado para o Cristianismo, religião predominante do Império Bizantino, portanto, o papa Gregório decidiu convocar uma expedição militar que atravessaria a Europa em busca da retomada de Jerusalém, em um movimento que ficaria conhecido como “As Cruzadas”.

As Cruzadas tinham como principal objetivo reconquistar Jerusalém e a Palestina, que haviam sido conquistadas pelos islâmicos, na chamada expansão muçulmana. Além do cunho religioso, os comerciantes resolveram apoiar as cruzadas, na busca pela ampliação das atividades comerciais com o Oriente. A recompensa por Jerusalém reconquistada era a indulgência, ou seja, a remissão dos pecados. Por isso, inúmeras pessoas voluntariaram-se para a expedição, na busca pela purificação cristã. Dessa forma, marcando inúmeras cruzadas não oficiais, sendo lideradas pelo próprio povo.

Ao todo, foram nove cruzadas. Sendo a primeira conhecida como “Cruzada popular” ou “Cruzada dos mendigos”. A cruzada dos mendigos ficou marcada pelo número de pessoas que partiram em busca de Jerusalém, tendo seu exército formado por adultos, crianças, mendigos e outras pessoas de classes subalternas, entretanto, elas não haviam nenhum plano e tampouco equipamento militar. Portanto, a expedição falhou miseravelmente.

A primeira cruzada foi marcada pela conquista de Jerusalém, além da conquista das cidades de Niécia e Antioquia. A segunda cruzada foi marcada pela tentativa de conquistar Edessa, cidade anteriormente conquistada pelos muçulmanos, contudo, a expedição fracassou, enfraquecendo o comando político de Jerusalém. Dessa forma, Jerusalém foi reconquistada por muçulmanos. A terceira cruzada foi marcada pela negociação entre o rei Ricardo

I e Saladino, que envolveu 2700 homens em troca de Jerusalém. No entanto, a proposta foi recusada e Ricardo I acabou assassinando os 2700 homens. À vista disso, as operações para a conquista de Jerusalém foram interrompidas permanentemente. A quarta cruzada foi marcada pela expedição de diversos comerciantes em busca da ampliação de atividades comerciais entre o Oriente e o Ocidente. Os comerciantes obtiveram êxito, pois comerciantes de Veneza e Gênova saquearam Constantinopla, conquistaram-na e mudaram o fluxo comercial daquela região. Além dessas, mais 5 cruzadas oficiais foram executadas, entretanto, todas falhando e acabando com o desejo cristão de retomar Jerusalém e a Palestina.

Em síntese, as cruzadas foram conflitos de suma importância para o enriquecimento da história, sobretudo religiosa, marcando a importância da união, planejamento e o mais importante: As cartas, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO DEZESSETE: MAGNA CARTA
(1215)

A Magna Carta foi um dos documentos mais importantes da história, sendo o estopim para o constitucionalismo e os direitos humanos. A Carta Magna nos mostrou a importância das leis, marcando diversos acontecimentos inéditos, como a submissão de um rei. Por tudo, a Magna Carta influenciou e ainda influencia diversos conjuntos de leis, sendo modelo para grande parte das constituições atuais. Entretanto, a Magna Carta também foi marcada pela desigualdade e segregação de classes, tratando as classes subalternas com desprezo.

O rei João, irmão de Ricardo Coração de Leão, assumiu o trono em 1199, sendo marcado por ser um verdadeiro déspota. Na virada do século XI, a Inglaterra passava por frequentes guerras contra a França, o que causou uma escassez generalizada nos recursos ingleses. Portanto, João pressionava os nobres a fornecerem dinheiro, soldados e equipamentos bélicos, o que causou uma revolta na nobreza da Inglaterra.

Devido a tirania de João, a população nobre da Inglaterra ficou indignada, pressionando o rei para a criação de um conjunto de leis para fornecer proteção e justiça entre os ingleses, sobretudo os nobres. Entretanto, João recusou-se a seguir as leis do homem, obedecendo apenas as leis de deus.

Em 1215, um grupo de barões ingleses dominou Londres, forçando João a assinar a Magna Carta, que foi formulada pela própria nobreza. Em troca, os nobres devolveriam Londres. Todavia, João e tampouco os nobres estavam dispostos a cumprir o acordo, que foi rapidamente rompido, marcando o início de uma guerra civil entre a nobreza e os monarcas. João acabou falecendo no ano seguinte, em 1216, dando um rápido fim ao conflito. Embora a Magna Carta tenha demorado a ser executada, ela apresentava diversas leis de proteção para os nobres, mas nenhuma para os trabalhadores, que nem eram considerados como homens livres. Algumas das leis de proteção à nobreza eram: Proteção contra prisões ilegais; Habeas Corpus; Novos impostos somente por negociação; Proteção contra Igreja inglesa. À vista disso, é notável que a Magna Carta apresentava benefícios somente à nobreza da Inglaterra, excluindo os subalternos e dando uma ênfase ainda maior na escravidão.

Em suma, a Magna Carta foi essencial para a constitucionalização mundial, sendo de grande influência para o mundo e passando a ser objeto essencial para o estudo de direito atualmente. Entretanto, como destacado

anteriormente, a segregação feita pela Magna Carta foi de suma importância para ascensão de coisas como desigualdade e escravidão. O Império Mongol também havia escravidão e desigualdade, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO DEZOITO: IMPÉRIO MONGOL
(SÉCULO XII-XII)

O Império Mongol foi um dos maiores impérios da história, sendo marcado pela grande extensão territorial e destreza militar. A extensão territorial do Império Mongol foi essencial na luta pelo fim do sedentarismo, que era abominado por imperadores mongóis. A destreza militar, por sua vez, foi essencial na extensão territorial do Império Mongol, unificando territórios e conquistando quase toda a Ásia. Entretanto, como em diversos casos anteriores, a falta de administração adequada levou de uma rápida ascensão à queda abrupta.

No século XI, a Mongólia era um território completamente fragmentado, continuando com as raízes nômades e pastoris, levando um estilo parecido com o do homo sapiens arcaico, no período paleolítico alto. Contudo, um homem lendário mudaria isso: Gengis Khan. Gengis Khan foi um dos maiores guerreiros da história, comandando diversas campanhas militares, expansionistas, políticas, religiosas e até arquitetônicas. Gengis Khan foi o responsável por unificar as tribos da Mongólia, fortificando a cultura, formando exércitos e, portanto, formando o Império Mongol.

O Império Mongol havia diversos pontos fortes, como a pluralidade cultural; as habilidades com domesticação animal; e as habilidades agrícolas. Todavia, o ponto chave para a prosperidade do Império Mongol foi seu exército, que não tinha uma tecnologia avançada em comparação com outras nações. No entanto, o exército mongol era extremamente hábil, destacando-se na cavalaria e artilharia. À vista disso, o Império Mongol foi responsável por dominar quase todo o continente asiático, sendo considerado um dos maiores impérios da história. O Império Mongol não se destacava apenas no quesito militar, prosperando também no quesito econômico, tendo sua economia baseada na agricultura e na criação de animais, como gado; cavalos; ovelhas; e cabras.

Após a morte de Gengis Khan, o Império Mongol passou por um forte declínio, ficando marcado por guerras civis, polarização de dinastias, exterminações em massa e instabilidade política generalizada. Por isso, os povos mongóis foram dando espaço para os chineses, tirando a soberania mongol e passando-a novamente para as dinastias chinesas. As dinastias chinesas travaram diversas guerras entre si, fazendo com que após a exterminação ou desistência de uma dinastia, outra mais forte assumiria. Portanto, em 1368, a dinastia Yuan abandonou Pequim, dando espaço para outra dinastia inimiga e, dessa forma, marcando o fim do Império Mongol. Os

turcos também ajudaram na queda do Império Mongol e do Império Bizantino, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

CAPÍTULO QUATRO: IDADE MODERNA

MARCO DEZENOVE: QUEDA DE CONSTANTINOPLA
(1453)

A queda de Constantinopla foi um dos maiores marcos da humanidade, sendo marcada por uma série de acontecimentos. A tomada de Constantinopla, sede do Império Bizantino, foi um processo gradual e inevitável, envolvendo diversos ataques, até a sua concretização em 1453, no dia 29 de maio. Dada a sua importância, a queda de Constantinopla foi responsável por marcar a transição entre a Idade Média e a Idade moderna.

Após a morte de Justiniano, o Grande, o Império Bizantino passou por um enfraquecimento exponencial, diminuindo sua influência e perdendo seus territórios, na chamada expansão muçulmana. Outro fato que levou ao enfraquecimento do Império Bizantino foi a polarização nas religiões, tendo a Cisma do Oriente (1054) como estopim para a rivalidade entre cristãos e cristãos ortodoxos. Por fim, na quarta cruzada (1204-1226), os cruzados cristãos, patrocinados por comerciantes, saquearam Constantinopla, conquistando-a e enfraquecendo ainda mais o Império Bizantino.

Considerada o centro do mundo, Constantinopla era uma cidade muito requisitada por diversos povos, incluindo os muçulmanos, que estavam em uma extrema ascensão. O principal responsável pela queda de Constantinopla foi o Império Otomano, que era composto por povos muçulmanos na região atual da Turquia. Por isso, o Império Otomano planejou durante anos a conquista de Constantinopla, visando as rotas comerciais com o Ocidente e expandir seus territórios.

O Império Bizantino e o Império Otomano mantiveram relações diplomáticas por diversos anos, assinando tratados e negociando territórios. Entretanto, as relações entre Otomanos e Bizantinos começaram a ficar cada vez mais complicadas. Em 1451, o sultão Mahmed II começou as campanhas militares para a conquista de Constantinopla, almejando a propagação do islamismo, as rotas comerciais e a expansão dos territórios otomanos. Em 1453, no dia 26 de maio, as proteções bizantinas ficavam mais fracas a cada ataque dos canhões otomanos, dificultando a proteção do imperador Constantino XI, que sacrificou sua vida pelo povo bizantino. Finalmente, no dia 29 de maio, os diversos soldados do Império Otomano conseguiram invadir Constantinopla, conquistando-a e tornando o Império Otomano o maior império do mundo, sendo dissolvido na Primeira Guerra Mundial. Com a conquista de Constantinopla, os muçulmanos fecharam a rota da seda, fazendo com que os povos europeus buscassem outras fontes para recursos, dando origem às expedições rumo às Américas.

Em síntese, a queda da Constantinopla foi um dos maiores eventos da história, sendo um verdadeiro quebra-cabeças para a sua conclusão final. O fim do Império Bizantino deu lugar para diversas coisas, dentre elas o fim da rota da seda, a hegemonia otomana e o mais importante: O Renascimento, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE: RENASCIMENTO
(SÉCULOS XIV-XVII)

O Renascimento foi um movimento cultural, artístico, científico e filosófico. O período renascentista foi marcado por grandes avanços na arte, ciência, filosofia e comércio, sendo considerado um dos estopins para o começo da idade moderna. O Renascimento foi responsável por mudar completamente os paradigmas culturais e filosóficos da Europa, todavia, com base essencial nos comportamentos da Idade Média. Dada a sua importância, o Renascimento foi um dos maiores marcos da história, sendo agente crucial até os dias atuais.

O Renascimento começou após o fim da Idade Média, sendo considerado um dos principais marcos para isso. No período medieval, a Europa passava por um extremo teocentrismo, fruto de conflitos como a Santa Inquisição e as cruzadas. Por isso, os renascentistas tinham como objetivo o fim desses paradigmas essencialmente religiosos, promovendo o triunfo do homem e começando um verdadeiro renascimento.

Durante o período renascentista, a ênfase do homem foi o elemento mais marcante, resultando em diversas ideias que serviram de inspiração para os filósofos e artistas do Renascimento, como o Antropocentrismo, que colocava o homem como centro do universo, sendo a suprema criação divina; O humanismo, que coloca o ser humano como ser virtuoso e importante, destacando as virtudes e, portanto, dando uma ênfase ainda maior na humanidade; O classicismo, que era a inspiração dos artistas na arte greco-romana para suas obras contemporâneas; O racionalismo, que era o conceito de colocar a razão no centro de tudo, incentivando a ciência como meio de obter respostas. Todos esses conceitos foram essenciais para o desenvolvimento do Renascimento, fazendo com que os artistas deixassem de fazer apenas esculturas e pinturas essencialmente religiosas, embora a maioria deles fossem cristãos.

Além dos conceitos criados no Renascimento, grandes nomes surgiram para o desenvolvimento dos artistas e cientistas renascentistas, como Leonardo Da Vinci, que foi o maior nome do período renascentista, sendo responsável por diversas obras importantes e revolucionárias, dentre elas o Homem Vitruviano e a Mona Lisa; Michelangelo também foi de suma importância para o Renascimento, sendo autor de obras como o Juízo Final e a escultura de David; Galileu Galilei figurou como peça essencial na ciência renascentista, descobrindo coisas como os anéis de Saturno e as manchas solares; Por fim, Nicolau Copérnico foi um dos cientistas mais importantes do Renascimento,

refutando o Geocentrismo e trazendo o conceito de estações do ano. Todos esses nomes foram peças chave no Renascimento, tendo suas obras e descobertas como objeto de referência até os dias atuais.

Em síntese, o Renascimento foi um dos maiores acontecimentos da história, promovendo significativos avanços na história, marcando transições e trazendo novos conceitos para a humanidade. O Renascimento também foi responsável por fazer com que o ser humano fosse valorizado e buscasse sempre por mais, explorando novos continentes e buscando por mais recursos, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E UM: REVOLUÇÃO CIENTÍFICA
(SÉCULOS XV – XVII)

A Revolução Científica foi uma das maiores revoluções da história, sendo de suma importância para o desenvolvimento da sociedade. Grandes nomes fizeram parte da Revolução Científica, responsáveis por contestarem a igreja, criarem ideologias e, até hoje, influenciarem cientistas de todo o mundo. Também conhecida como Renascimento Científico, a Revolução Científica foi responsável por mudar completamente a percepção dos humanos sobre o mundo, sendo marcada pelo fim do teocentrismo e o começo do antropocentrismo.

Durante a Idade Média, a percepção sobre ciência era muito limitada, fazendo com que os pensamentos fossem exclusivamente teocêntricos. Isso se dava por conta das limitações impostas pela igreja que, em casos de contestações, o indivíduo poderia sofrer uma execução por ser considerado herege. Além disso, o acesso às bibliotecas era extremamente restrito e, portanto, novamente centralizando os pensamentos das pessoas na mistificação cristã. Entretanto, isso mudaria após o fim da idade média, que foi marcado pelo começo do Renascimento e, posteriormente, a criação de grupos protestantes às doutrinas católicas.

Após o começo do Renascimento e dos grupos protestantes, a doutrina cristã começou a ser frequentemente questionada. Portanto, com a criação do humanismo, racionalismo e antropocentrismo, os seres humanos começaram a buscar por formas mais racionais de ver o mundo, com base na razão, na matemática e na observação. Dessa forma, os pensamentos empíricos ganharam cada vez mais força entre as pessoas. A peça-chave na divulgação das ideologias empíricas foi a criação da imprensa, dando um fim nas releituras e, portanto, divulgando as informações originais, sem adulterações. Os pensadores da Revolução Científica foram de suma importância na divulgação dos conhecimentos empíricos, dedicando suas vidas às melhoras para a humanidade.

Alguns dos maiores pensadores da Revolução Científica foram: Isaac Newton, responsável pela Teoria da Gravitação Universal e por trazer à tona as 3 leis de Newton; Galileu Galilei, responsável pela criação dos Microscópios de 2 lentes, além de descobrir as manchas solares; Leonardo da Vinci, responsável por avanços na anatomia e pelo Homem Vitruviano; Nicolau Copérnico, que foi responsável por refutar o geocentrismo e fundar o heliocentrismo; Francis Bacon, responsável pela criação do Método Científico; René Descartes, responsável pela criação do racionalismo; por fim, Johannes

Gutenberg, responsável pela criação da imprensa. Todos esses nomes foram essenciais na Revolução Científica, sendo verdadeiros heróis e servindo de inspiração para cientistas atuais.

Em síntese, a Revolução Científica foi marcada por criar uma nova percepção de vida aos seres humanos, dando mais importância à razão e ao conhecimento que, posteriormente, levaria à avanços consideráveis na indústria e economia mundial, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E DOIS: CHEGADA DOS EUROPEUS ÀS AMÉRICAS
(1492)

A descoberta das Américas foi uma expansão marítima e territorial, sendo marcada por uma série de eventos que levaram ao que conhecemos hoje como continente americano. A descoberta das Américas foi essencial para o desenvolvimento socioeconômico de diversos países na Europa, sobretudo Espanha e Portugal, que foram os pioneiros na chegada às Américas. No entanto, a chegada dos europeus nas Américas foi responsável por colocar a escravidão em seu auge, manchando novamente a história da Europa. O termo “descoberta” ainda é muito questionado, pois ao chegarem nos territórios, os comandantes acharam povos que já os habitavam, portanto, o termo “chegada” é mais apropriado para caracterizar esse marco.

Graças a tomada de Constantinopla, feita pelos otomanos, em 1453, os europeus enfrentaram uma grande dificuldade no comércio marítimo, principalmente na Rota da Seda, que era ponto crucial no comércio entre o Oriente e o Ocidente. Dessa forma, os europeus decidiram comandar uma expansão marítima em busca de “terra firme”, para conseguirem mais recursos, sobretudo as chamadas “especiarias”, que eram encontradas na Ásia, mas o continente asiático estava fora de cogitação.

Portugal e Espanha foram os pioneiros na busca por “terra firme”, comandando expedições para a busca de novos territórios e rotas comerciais. Entretanto, isso custava caro, o que levou aos países buscarem por meios de financiamento. A principal forma de financiamento foi a burguesia, que surgiu no Renascimento, pelos comerciantes que moravam em Burgo, apelidados de “Burgueses”. Ademais, Portugal e Espanha ainda tiveram o apoio da Igreja Católica, que buscava mais adeptos à sua religião. Dessa forma, a primeira expedição rumo às Américas começou.

Cristóvão Colombo comandou a primeira expedição que chegou às Américas, sendo responsável por chegar em Bahamas, em 12 de outubro de 1492; Outro comandante espanhol foi Alonso de Ojeda, que comandou uma exploração na Venezuela, em 1499; Em 1500, o primeiro comandante espanhol a chegar no Brasil foi Vicente Pizón, explorando o norte brasileiro; Nunez de Balboa foi o comandante espanhol que descobriu o Oceano Pacífico, em 1513; Também em 1513, Ponce de Leon foi o responsável por chegar na Flórida, nos Estados Unidos, na primeira tentativa de estabelecer uma colônia espanhola em território Estadunidense; Por fim, Juan Solis foi o responsável por descobrir o Rio da Prata, na Argentina, em 1516. Todos esses comandantes espanhóis foram essenciais na descoberta das Américas, tendo mais destaque os

portugueses, que foram mais presentes na África. Essa polarização entre Espanha e Portugal levou ao Tratado de Tordesilhas, que dividia o mundo entre Portugal e Espanha, causando conflitos com a França e a Inglaterra.

Em suma, a chegada dos europeus nas Américas foi de suma importância para a Europa, mas foi devastadora para os indígenas que habitavam os territórios ocupados por europeus. A escravidão e a catequização americana foram os pontos mais devastadores a se destacar, pois além de forçarem os indígenas a trabalharem, destruíram sua cultura e disseminaram o Cristianismo. Portanto, os europeus trouxeram diversos aspectos negativos ao chegar às Américas, pois além de eurocentralizar o continente americano, dizimaram seus povos, ignoraram suas culturas e forçaram o cristianismo, que posteriormente passaria por reformas, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E TRÊS: REFORMA PROTESTANTE
(1517)

A Reforma Protestante foi uma das maiores mudanças nos paradigmas religiosos, sobretudo cristãos. Graças ao Renascimento, todos os aspectos socioculturais mudaram, incluindo o próprio Cristianismo, que começou a ser contestada após marcos como as cruzadas e a Santa Inquisição. Por isso, diversos estudiosos começaram a questionar os feitos da Igreja Católica. Portanto, dando início a uma nova era que mudaria o Cristianismo de forma permanente.

Com o Renascimento, a teocracia da Europa começou a ser muito questionada, o que levou à diversas tentativas de reformas, todavia, todas falharam. Com o Humanismo e Antropocentrismo, a soberania da Igreja começou a ser deixada de lado e, em tese, abominada. Isso se dava por conta dos diversos escândalos de corrupção entre membros da Igreja Católica, como a propagação da Taxa Camarae, feita pelo Papa Leão X. A Taxa Camarae consistia na venda de indulgência, ou seja, a remissão dos pecados. Isso foi motivo de revolta por parte de teólogos, principalmente Martinho Lutero.

Martinho Lutero, que era professor e monge eclesiástico, foi o principal agente na Reforma Protestante. Ao ver a corrupção no ambiente religioso, Martinho Lutero redigiu um documento chamado de 95 teses, que continham questionamentos direcionados aos valores da Igreja Católica, que estava passando por um momento ganancioso, sendo marcado por pregar que as ações eram mais importantes que a fé. Por isso, em 1517, Martinho Lutero publicou seu documento com as 95 teses em uma igreja de Wittenberg e, com a invenção da imprensa, a disseminação das 95 teses foi extremamente grande, o que rapidamente chegou à Igreja Católica, promovendo um debate entre os membros da igreja e Martinho Lutero. A Igreja Católica fez uma bula contra Martinho Lutero, repreendendo suas contestações e reprimindo-o, mas Martinho Lutero queimou-a e, portanto, fazendo com que a Igreja Católica fizesse uma busca generalizada atrás de Martinho Lutero, além de o excomungar da igreja.

Por conta da busca feita pela Igreja Católica, Martinho Lutero teve que se esconder em um castelo na Alemanha, financiado pela burguesia. A burguesia foi uma das maiores apoiadoras na Reforma Protestante, pois com a submissão da Igreja Católica às teses protestantes, haveria uma diminuição de impostos e maior autonomia para a classe nobre da Europa. A Igreja Católica não sucumbiu às revoltas protestantes, mas entrou em acordo com algumas

partes, para que a Reforma fosse minimamente barrada. Portanto, mudando os paradigmas cristãos da época e dando um fim na soberania cristã da Europa. Posteriormente, Martinho Lutero inspirou outra ideologia muito popular na Europa, que foi o calvinismo, introduzido por João Calvino, na França, rompendo completamente os vínculos franceses com a Igreja Católica.

Em síntese, a Reforma Protestante foi essencial para uma mudança nos valores cristãos, sobretudo na visão luterana, que pregava a fé e não as ações, o que era o oposto do moralismo aplicado na Igreja Católica. Portanto, devido aos constantes escândalos de corrupção, Martinho Lutero promoveu uma Reforma que seria essencial para a mudança nos valores morais do Cristianismo, que haviam tomado uma rota totalmente diferente em relação ao que era pregado na própria bíblia. Além dos conceitos religiosos, a Reforma Protestante foi responsável por dar um fim permanente no feudalismo, introduzindo o capitalismo na sociedade da idade moderna, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E QUATRO: REVOLUÇÃO INGLESA
(1642-1689)

A Revolução Inglesa foi uma das maiores revoluções da história, sendo marcada por diversas fases e reviravoltas. A instabilidade política e religiosa da Inglaterra foi a maior causa da Revolução Inglesa, pois desde sempre, a Inglaterra passou por problemas em relação a reis absolutistas e abusos de poder. Além da instabilidade interna, a ascensão da burguesia foi um fator determinante para a revolta dos reis, que instauraram diversos programas para controlar a burguesia. Portanto, a Revolução Inglesa foi marcada por fortalecer o capitalismo e encerrar o absolutismo, provocando diversas guerras civis e políticas, que, ao todo, resultaram em quatro fases principais: Revolução Puritana; República de Oliver Cromwell; Restauração da dinastia Stuart; Revolução Gloriosa.

A Revolução Puritana (1642-1651) começou por diversos fatores, entre eles: A ascensão da burguesia; as instabilidades políticas entre o rei e o parlamento; a instabilidade religiosa. Devido à Reforma Protestante, o Cristianismo começou a ser muito questionado, resultando em diferentes interpretações da bíblia, convenientes aos interesses de um grupo ou igreja. Por isso, um grupo de protestantes propôs uma reforma na igreja da Inglaterra; esse grupo ficou conhecido como Puritanos. Os puritanos visavam uma reforma da bíblia, em que as interpretações ficariam mais simplificadas, facilitando o processo religioso da Inglaterra. Entretanto, o rei Charles I não concordava com essa reforma, pois defendia uma abordagem mais complexa das interpretações bíblicas, seguindo a tradição inglesa e mantendo a estrutura da igreja. Isso gerou uma revolta entre os puritanos, sendo um dos elementos cruciais na guerra civil inglesa. Com a ascensão da burguesia, o rei Charles I decidiu propor um aumento de impostos, o que gerou uma revolta no parlamento e nos pequenos proprietários, que estavam sendo excluídos da sociedade. Ademais, o parlamento inglês buscava o fim do absolutismo, sugerindo um sistema de monarquia constitucional, o que a monarquia não concordava. Dessa forma, causando um conflito entre religiosos, parlamentares, monarcas, burgueses e proprietários de terra. Em 1649, na disputa entre Charles I e o parlamento inglês, os parlamentares ganharam, executando Charles I e promovendo um sistema de governo exclusivo na Inglaterra: A república de Oliver Cromwell.

A república de Oliver Cromwell (1649-1660) foi marcada por diversas instabilidades e reviravoltas. Em 1649, após a execução de Charles I, Oliver Cromwell assumiu o comando, mas os problemas ainda não estavam resolvidos. O começo do governo Oliver foi marcado por um forte apoio à burguesia, que foi peça chave na guerra. Ademais, Oliver foi responsável por comandar o aquecimento no mercado marítimo da Inglaterra, promovendo uma ação em que

todos os navios de comércio deveriam ser ingleses, fortalecendo a economia e aumentando a satisfação do povo. Todavia, em 1653, temendo o parlamento, Oliver Cromwell executou os chefes militares que ele havia recrutado para o exército na guerra civil inglesa, promoveu várias reformas e se tornou um Lord Protector. Dessa forma, instaurando uma ditadura e deixando a burguesia, antes apoiada, em segundo plano. Em 1660, Richard Cromwell assumiu o governo de seu pai, Oliver, mas Richard não obteve êxito em seu governo, pois era facilmente manipulado e, portanto, foi destituído. Após a má execução republicana, a monarquia foi instaurada novamente, mas agora com Charles II, filho de Charles I, dando origem à restauração da dinastia Stuart.

A restauração da dinastia Stuart (1660-1688) foi marcada por uma grande polarização religiosa e política, ainda maior que a Revolução Puritana. Após Charles II assumir o poder, criou leis em prol da tolerância religiosa, o que os protestantes eram totalmente contra, criando uma tensão entre Charles II e o parlamento. Essa tensão aumentou ainda mais quando os parlamentares descobriram que o irmão de Charles, James II, era católico, o que causou uma revolta entre os protestantes e parlamentares. Isso se dava pelo medo do catolicismo voltar à tona, pois os proprietários de terras teriam que devolver as propriedades à Igreja Católica. Por isso, um novo conflito entre rei e parlamento foi criado. Com esse conflito, dois grupos se formaram: Os Whigs, que eram contra a sucessão de James II ao poder; e os Tories, que eram a favor da sucessão de James II ao poder. O rei Charles II escolheu os Tories e, dessa forma, uma perseguição aos Whigs foi organizada, causando a ascensão de James II ao trono inglês, marcando o início da Revolução Gloriosa.

Em 1688, William de Orange, junto de Maria Stuart, filha de Charles II, comandou uma campanha política a favor da doutrina protestante, prometendo um fortalecimento na Igreja Anglicana e a preservação da liberdade protestante e parlamentar. Por isso, uma perseguição contra James II foi iniciada, fazendo com que ele fugisse para a França, pois não havia nenhum apoio político e tampouco militar. Portanto, William e Maria foram coroados de forma conjunta na Inglaterra, mas agora com a monarquia constitucional aplicada de forma definitiva, diminuindo o poder do rei e forçando os católicos a saírem da vida pública. A Revolução Inglesa serviu de inspiração para diversas revoluções, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E CINCO: INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS
(1776)

A Independência dos Estados Unidos foi uma das maiores revoluções da história, sendo marcada por atritos econômicos, territoriais e militares. A Revolução Americana foi responsável por marcar os Estados Unidos como sinônimo de liberdade, felicidade e prosperidade. Isso se deve à história inspiradora da independência estadunidense, que em tese, demonstra a coragem e ousadia dos povos americanos na busca pela liberdade. Devido à sua importância, a Revolução Americana inspirou outras revoluções, como a Revolução Francesa e o processo de independência de países na América Latina.

Colonizado pela Inglaterra, os Estados Unidos, ou treze colônias, estavam passando por diversos problemas econômicos devido aos conflitos nos quais a Inglaterra se envolveu no passado, como a Guerra dos Sete Anos. Para suprir a falta de recursos, a Inglaterra decidiu fazer uma reforma tributária, na qual cinco leis se destacaram: Lei do açúcar, Lei da moeda, Lei do selo, Lei da hospedagem e Lei de Townshend. Todos esses impostos levaram à insatisfação e desgaste das relações entre colonizadores e colonos, o que posteriormente seria prejudicial para a Inglaterra, tendo em vista que, embora os colonos estivessem insatisfeitos, não cogitavam a possibilidade de requisitar a sua independência. Além desses impostos, os maus tratos refletiam-se também na exploração da Inglaterra que, devido ao seu processo de industrialização, enxergava as treze colônias como fontes de recursos para uma Revolução Industrial. Todos esses fatos levaram a uma revolta dos colonos, que organizaram uma expedição contra a Inglaterra, conhecida como Festa do Chá de Boston. Na Festa do Chá de Boston, os colonos disfarçaram-se de nativos americanos, entrando no porto de Boston e jogando 340 caixas de chá no mar, provocando uma revolta na Inglaterra que, após o ocorrido, enviou exércitos para impedir manifestações públicas e outros tipos de protestos. Isso aumentou ainda mais a revolta dos colonos, que organizaram um congresso para discutir a má conduta da Inglaterra.

O Primeiro Congresso Continental da Filadelfia (1774) uniu as treze colônias, com exceção da Geórgia, para enviar uma carta ao rei Jorge III pedindo a revogação dos impostos, mas ainda declarando sua lealdade. Todavia, a carta foi recusada e a Inglaterra fortificou ainda mais as proteções militares. Isso causou uma revolta ainda maior nos colonos que, posteriormente, organizaram o Segundo Congresso Continental da Filadelfia (1775), mas dessa vez, declarando guerra à Inglaterra. Com isso, a independência começou a ser considerada e, em 4 de julho de 1776, Thomas Jefferson foi o responsável por redigir o documento da independência dos Estados Unidos, rompendo a

colonização da Inglaterra e declarando os Estados Unidos como nação soberana. Contudo, a Inglaterra não aceitou essa declaração de rompimento, dando início à guerra de independência.

A derrota dos Estados Unidos para a Inglaterra era iminente, entretanto, eles não estavam sozinhos no conflito. França, Espanha e Holanda foram aliados cruciais para os Estados Unidos, pois com a Guerra dos Sete Anos, todos esses países perderam territórios para a Inglaterra, fazendo com que eles buscassem por um enfraquecimento da Inglaterra na América. Portanto, em 1781, a Inglaterra perdeu o conflito para os Estados Unidos, consolidando a nação americana como país independente. Entretanto, a Inglaterra só considerou os Estados Unidos como país independente em 1783, com o tratado de Paris. Inicialmente, os Estados Unidos eram uma nação com estados soberanos e independentes. Todavia, posteriormente os Estados Unidos unificaram seus territórios e criaram uma constituição, que foi efetivada em 1788.

Em síntese, a Independência dos Estados Unidos foi de suma importância para a humanidade, servindo de influência para que outros países buscassem sua independência e se tornassem nações soberanas, o que contribui na pluralidade cultural e a busca pela paz. Ademais, a Independência dos Estados Unidos serviu de inspiração para a Revolução Francesa, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

CAPÍTULO 5: IDADE CONTEMPORÂNEA

MARCO VINTE E SEIS: REVOLUÇÃO FRANCESA
(1789-1799)

A Revolução Francesa foi um dos maiores marcos da humanidade, sendo marcada por diversas reviravoltas e fases. A Revolução Francesa foi de suma importância na propagação dos direitos humanos e da igualdade, acabando com benefícios às altas classes. Ademais, a Revolução Francesa também estabeleceu o início do fim do absolutismo na Europa, encerrando o sistema feudal e marcando a ascensão do capitalismo. Por tudo, a Revolução Francesa marcou o fim da Idade Moderna, dando início à Idade Contemporânea, que permanece até os dias atuais.

Na França, no século XVIII, a forma de governo baseava-se no absolutismo e nas classes sociais, sendo elas: o primeiro estado, composto pelo clero; o segundo estado, composto pela nobreza; e o terceiro estado, composto pelo restante da sociedade, desde burgueses até camponeses. Devido aos constantes envolvimento da França em conflitos externos, além dos gastos desnecessários, a França passou por uma extrema instabilidade econômica. Para suprir a necessidade de recursos, o governo francês decidiu aumentar ainda mais os impostos sobre o terceiro estado que, em tese, financiava o país inteiro, pois o primeiro e segundo estado eram isentos de impostos. Por todas essas dificuldades, o governo da França resolveu convocar uma assembleia dos 3 estados, visando a mudança de leis para uma melhora na economia francesa. Entretanto, o primeiro e o segundo estado sempre se uniam para derrotarem o terceiro estado nas votações, portanto, o terceiro estado exigiu que os votos fossem individuais, o que foi negado. Portanto, o terceiro estado rompeu com a França e organizou um movimento popular para que a fortaleza convertida como prisão, conhecida como Bastilha, fosse derrubada, indicando a revolta dos povos subalternos da França. Esse movimento ficou conhecido como Queda da Bastilha. Para conter essa revolta, o governo francês decidiu abolir os direitos feudais e, em seguida, anunciou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, dando início ao período de Assembleia Constitucional, em 1789.

O período de Assembleia Constitucional (1789-1792), na França, foi marcado por um forte avanço na área do direito, sobretudo no constitucionalismo. Esses avanços deram origem a 2 partidos políticos: Os Gerundinos – Apoiados pela alta burguesia, pregavam ideias conservadoras; e os Jacobinos – Apoiados pela média e baixa burguesia, pregavam ideias radicalistas. Os Gerundinos enxergavam que as mudanças já haviam sido feitas, o que pausaria a revolução, entretanto, os Jacobinos consideraram o contrário, apoiando mudanças ainda mais extremas. Além dessa polarização política, outro movimento marcou o período de Assembleia Constitucional: o Grande Medo. Por medo de retaliação devido aos ataques à Bastilha, o povo francês resolveu

saquear e matar os aristocratas presentes na França, promovendo uma fuga generalizada da nobreza, que se refugiou na Áustria e na Prússia. Portanto, a França passou por uma reestruturação política, conhecida como Convenção Nacional que, gradualmente, substituiu a Assembleia Constitucional.

O período de Convenção (1792-1795), na França, foi marcado por uma forte ascensão dos Jacobinos após a execução do rei Luís XVI, suspeito de traição e conspiração contra os revolucionários. Graças a ascensão dos Jacobinos, um período conhecido como “O Terror” foi estabelecido, em que todos os opositores à revolução eram guilhotinados. Os Jacobinos eram liderados por Maximilien Robespierre e, por mais que os movimentos revolucionários fossem apoiados, Robespierre foi acusado de tirania, sendo guilhotinado em praça pública, dando início ao período do Diretório.

O período do Diretório (1794-1799), na França, foi marcado por uma forte ascensão dos Girondinos e da alta burguesia. Ademais, o período foi definido por guerras, fruto da fuga da nobreza, em 1789. Devido às invasões da Áustria e da Prússia, a França foi obrigada a declarar guerra contra esses países e, conseqüentemente, teve que achar um comandante adequado para liderar o exército francês. Esse comandante era Napoleão Bonaparte, que liderou o exército e ganhou a guerra, instaurando a paz na França, no chamado período Napoleônico.

Em suma, a Revolução Francesa foi essencial na busca pelos direitos humanos, deixando o constitucionalismo de herança para diversas nações. A Revolução Francesa teve tanto impacto que foi considerado o último marco da Idade Moderna, inaugurando a Idade Contemporânea, que teria o primeiro marco sendo a Revolução Industrial, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E SETE: REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
(SÉCULO XVIII)

A Revolução Industrial foi um dos maiores processos revolucionários da humanidade, marcada por grandes avanços e controvérsias éticas em seu decorrer. A Revolução Industrial foi de suma importância para o desenvolvimento científico, na consolidação do capitalismo e na inovação nos meios de produção, além de polarizar os conceitos de classes sociais. Entretanto, a Revolução Industrial também marcou um grande abuso humano e ambiental, sendo uma das grandes consequências para o desmatamento que o mundo sofre até os dias de hoje.

Na Inglaterra, no século XVIII, os ingleses passavam por um período de prosperidade, fruto da Revolução Inglesa. A Inglaterra passava por uma monarquia constitucional, em que os burgueses controlavam o estado, ajudando com a compra de propriedades privadas e investimentos em tecnologia. Ademais, a Inglaterra havia uma ampla gama de recursos, devido ao processo de colonização, sobretudo dos Estados Unidos e da Índia. Portanto, a Inglaterra decidiu investir seus recursos em tecnologias muito avançadas, mas faltava espaço para as indústrias. Logo, a Inglaterra adotou uma política de cercamento, em que os proprietários precisavam apresentar um título de propriedade, caso contrário, suas terras eram convertidas em propriedades privadas. Dessa forma, ocorreu um êxodo rural massivo, o que levou os ex-proprietários a buscarem emprego nas indústrias recém-criadas, dando início, assim, à Primeira Revolução Industrial.

A Primeira Revolução Industrial foi marcada pela criação de máquinas a vapor e o tear fabril. Com a Revolução Industrial, houve uma mudança nos meios de produção, que passaram da manufatura para a maquinofatura. Devido ao êxodo rural, os trabalhadores ingleses foram forçados a procurar emprego nas fábricas, dando início à classe proletária, que era composta pelos trabalhadores assalariados. Em contrapartida, com a maior eficiência da produção, os burgueses estavam ganhando muito mais dinheiro que antes, entretanto, instaurando uma desigualdade social ainda maior, o que levou à criação de sindicatos para jornadas menores e maiores salários aos proletários.

As consequências da Primeira Revolução Industrial foram os maus tratos no meio ambiente; as grandes invenções no setor indústria; a transição para o carvão como principal meio de combustível; e o mais importante: a mudança na relação entre os humanos e a natureza, que deixou de ser harmoniosa há muito tempo. Além disso, a Revolução Industrial trouxe o conceito de países

desenvolvidos e subdesenvolvidos, que permanecem até hoje, dando abertura para outras revoluções industriais.

Em suma, a Revolução Industrial foi essencial para o mundo que conhecemos atualmente, trazendo novos conceitos e avanços na busca pelos direitos trabalhistas. Entretanto, a Revolução Industrial foi marcada por uma grande instauração de desigualdade social entre o burguês e o proletariado. A Revolução Industrial também foi necessária para novas tecnologias, sobretudo em guerras, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E OITO: PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A Primeira Guerra Mundial foi uma das maiores guerras da história, sendo marcada por alianças e conflitos. Também conhecida como a Grande Guerra, a Primeira Guerra Mundial foi um processo gradual e demorado, moldado por diversos fatores econômicos, políticos e militares. Além dos aspectos técnicos, a Primeira Guerra Mundial foi uma mancha na história humana, marcada por massacres e doenças, tendo poucos momentos de fraternidade entre soldados.

A Primeira Guerra Mundial foi uma série de eventos e conflitos envolvendo os países da Europa, que estavam em uma corrida em busca de sua dominância total sobre o mundo. Dentre essa série, destaca-se o nacionalismo e o imperialismo. O nacionalismo era a ideologia dos países que declaravam sua soberania sobre tudo, vendo outras nações como ameaça à sua integridade, o que gerou diversos conflitos ideológicos e militares. O imperialismo era a ideologia dos países que desejavam espalhar seus ideais em continentes vizinhos, sobretudo a Ásia e a África, além da extração de recursos, visando a industrialização. Todas essas ideologias desencadearam conflitos entre os países, o que tornou a guerra iminente. O primeiro fator-chave para a Primeira Guerra Mundial foi a anexação do território Bósnio, feita pela Áustria, em 1908. Contudo, o estopim para o conflito foi o assassinato do arquiduque austríaco, Francisco Ferdinando, em 1914. Com esse assassinato, os países declaram guerras uns contra os outros, formando alianças que ficaram conhecidas como Tríplice Aliança e Tríplice Entente. A Tríplice Aliança era formada por Alemanha; Império Otomano; Itália; e Austro-Hungria. A Tríplice Entente, por sua vez, era formada por Inglaterra; Rússia; e França. Dessa forma, iniciando a Primeira Guerra Mundial.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, os países mobilizaram-se em busca de novos territórios, dividindo a guerra entre duas partes: Guerra dos Movimentos, que se ocorreu de agosto até novembro de 1914; e a Guerra das Trincheiras, que se estendeu de 1914 até 1918. A Guerra dos Movimentos foi marcada por diversas invasões entre europeus, entre elas, a invasão da Alemanha em Paris, que fracassou. A Guerra das Trincheiras foi marcada pelas grandes fortalezas estabelecidas nos territórios onde os conflitos ocorriam. As trincheiras foram responsáveis por um massacre generalizado de soldados, pois as dificuldades em comer, urinar, defecar e fazer necessidades eram extremas. Portanto, diante desses obstáculos, os países da Tríplice Aliança entraram em fragmentação, sobretudo a Rússia, que passou por uma revolução em 1917, anunciando a sua retirada, restando apenas a Alemanha, que se rendeu em 1918. Dessa forma, dando fim à Primeira Guerra Mundial.

A principal consequência da Primeira Guerra Mundial foi a assinatura do Tratado de Versalhes feita pela Alemanha, em 1919. O Tratado de Versalhes impôs diversas limitações à Alemanha, como exército pequeno, territórios cedidos e indenização por todos os danos da guerra. Tudo isso era humilhante para a Alemanha, o que foi o principal motivo do surgimento da ideologia nazista. Além do Tratado de Versalhes, outras consequências marcantes foram as mortes de 10 milhões de pessoas durante o conflito e o surgimento de novas nações como Finlândia, Polônia e Iugoslávia.

Em síntese, a Primeira Guerra Mundial foi responsável por desencadear diversos outros conflitos e problemas para todos os países, além das mortes horríveis e da disseminação da Gripe Espanhola. Ademais, a Primeira Guerra Mundial foi um dos principais motivos para o maior conflito da história, a Segunda Guerra Mundial, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO VINTE E NOVE: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
(1939-1945)

A Segunda Guerra Mundial foi o maior marco da história. A Segunda Guerra Mundial ocorreu graças às humilhações à Alemanha, no Tratado de Versalhes. Essa guerra foi marcada pela ascensão do nazismo e a perseguição às minorias, sendo o pior marco da humanidade. Com mais de 70 milhões de mortos, a Segunda Guerra Mundial foi uma mancha ainda maior que a Primeira Guerra. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial foi essencial na declaração universal dos direitos humanos e da criação de órgãos humanitários.

Devido às humilhações sofridas pela Alemanha, além das teorias conspiracionistas com judeus, uma nova ideologia surgiu: o nazismo. O nazismo consistia na superioridade raça ariana, ou seja, dos povos germânicos, condenando qualquer tipo de minoria e considerando outras raças como impuras. Portanto, em 1933, com a ascensão do nazismo, o Holocausto começou. Além do Holocausto, uma expansão militar foi iniciada, em busca do chamado “espaço vital”. Em 1939, Adolf Hitler comandou uma invasão à Polônia, portanto, dando início à Segunda Guerra Mundial.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, dois grupos formaram-se: os aliados, formados por Reino Unido, França e União Soviética; e o eixo, formado por Alemanha, Itália e Japão. Como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra foi dividida em períodos, sendo eles Vitória do Eixo (1939-1941); o Equilíbrio (1941-1943); e a Vitória dos Aliados (1943-1945). A Vitória do Eixo foi marcada por uma grande ascensão da Alemanha nazista, sendo interrompida pela entrada dos EUA, em 1941, devido ao ataque em Pearl Harbor. O Equilíbrio foi marcado por uma grande paridade de forças militares, entretanto, a Alemanha começou a perder muita força devido aos ataques dos Estados Unidos. Além disso, o rompimento do pacto de não-agressão, com a URSS, foi um grande erro para a Alemanha, que perdeu o conflito e ganhou um inimigo. A Vitória dos Aliados foi marcada pelas invasões feitas no território da Alemanha, que se rendeu em maio de 1945, após o suicídio de Adolf Hitler. A guerra só teria seu fim em 2 de setembro de 1945, quando o Japão se rendeu, devido às bombas jogadas em Hiroshima e Nagasaki.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, um novo fórum de países aliados foi criado: a ONU. Com a ONU, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi feita, consolidando os direitos do homem na terra. A Alemanha, por sua vez, não foi considerada culpada da guerra. Entretanto, a Alemanha teve sua separação feita em Ocidental e Oriental, sendo o bloco ocidental de comando capitalista, enquanto o bloco oriental sendo de comando socialista. Isso levou à

criação do Muro de Berlim, que teria sua queda em 1989, no fim da Guerra Fria, mas isso é assunto para outro marco, então acompanhe!

MARCO TRINTA: GUERRA FRIA
(1947-1991)

A Guerra Fria foi um conflito ideológico que envolveu os Estados Unidos e a União Soviética. Apesar de não ter muitos conflitos bélicos, a Guerra Fria ficou marcada pela dicotomia entre o capitalismo e o socialismo, resultando impactos significativos no avanço tecnológico do mundo. A Guerra Fria trouxe diversas inovações para o mundo, como a internet e a chegada do homem à Lua. No entanto, a Guerra Fria revelou as dificuldades dos seres humanos em viver de forma pacífica.

Após a Segunda Guerra Mundial, as negociações feitas entre os vencedores envolviam a separação do mundo entre Ocidente e Oriente, com a Alemanha sendo o principal marcador. No lado Ocidental, estavam os países capitalistas, que eram apoiados pelos Estados Unidos. No lado Oriental, estavam os países socialistas, que eram apoiados pela União Soviética. Contudo, Henry Truman tinha medo das possíveis expansões de influência soviética. Assim, em um discurso proferido em 1947, Truman declarou a soberania dos capitalistas através do plano Marshall, que beneficiava os países capitalistas. Embora a URSS não tivesse planos de expansão, ela decidiu impor o projeto Marshall com o Comecon, visando beneficiar os países socialistas. Dessa forma, a Guerra Fria teve seu início.

A Guerra Fria foi caracterizada por diversos conflitos entre Estados Unidos e União Soviética, tais como a Guerra do Vietnã, a Guerra da Coreia, a corrida espacial, a Crise dos Mísseis, e a criação do Muro de Berlim, criado para separar a Alemanha entre Oriente e Ocidente. Além destes conflitos, a intervenção em nações estrangeiras foi um grande marco na Guerra Fria, como na ditadura militar do Brasil em 1964, apoiada pelos Estados Unidos, e na guerra do Afeganistão em 1980, apoiada pela União Soviética. Com essas disputas frequentes de poder, os países buscavam pela maior área de influência possível, criando blocos econômicos e militares em caso de uma Terceira Guerra Mundial, que era iminente. Isso resultou na criação da OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte) composta por países do bloco capitalista e do Pacto de Varsóvia, formado por países do bloco socialista.

Em 1989, a União Soviética enfrentava diversas dificuldades econômicas, devido aos gastos excessivos com armamentos; o investimento em educação e tecnologia foi quase nulo. Portanto, em 9 de novembro de 1989, o Muro de Berlim foi derrubado, levando consigo os trabalhadores altamente qualificados para o bloco capitalista e, conseqüentemente, enfraquecendo ainda mais o bloco

socialista. A Guerra Fria teve seu fim em 1991 com a dissolução da União Soviética, concedendo a vitória da Guerra Fria aos Estados Unidos da América.

Em síntese, a Guerra Fria foi responsável por um grande avanço na tecnologia e na busca pelas ideologias mais adequadas à humanidade. Entretanto, marcou diversas manchas na humanidade, sobretudo a Guerra do Vietnã, que matou milhares de pessoas. Dessa maneira, a polarização de capitalismo e socialismo foi altamente benéfica para a humanidade, embora tenha sido marcada por um controle desnecessárias de grandes potências sobre pequenos países.

Parabéns, estimado leitor, por sua curiosidade insaciável e dedicação em explorar os marcos mais fascinantes da história da humanidade! Enquanto viajamos pelo tempo, não podemos deixar de notar uma característica engraçada e muitas vezes inusitada que permeia todos esses marcos da pré-história.

Desde o aparecimento dos primeiros humanos, que há cerca de 2,5 milhões de anos decidiram que caminhar sobre duas pernas era uma ideia promissora, até as pinturas rupestres nas cavernas que revelam as artísticas danças da pré-história, uma constante parece ser a criatividade intrínseca à nossa espécie.

Imagine a cena: um Homo habilis segurando duas pedras e, com um olhar decidido, decidindo esfregá-las uma na outra. Fricção se torna faísca, e de repente, um conceito revolucionário de fogo surge, acompanhado de olhares maravilhados. Ou as pinturas nas cavernas, onde nossos ancestrais decidiram que não bastava apenas caçar mamutes e reunir frutos; dançar com cores nas paredes de pedra era uma forma de deixar sua marca no universo.

E que tal o Homo sapiens, com sua necessidade inata de contar histórias, usando a linguagem como um instrumento para conectar gerações e transmitir sabedoria? E, claro, não podemos esquecer da domesticação de animais, quando alguém teve a ideia brilhante de transformar lobos em amigos de quatro patas, provavelmente causando algumas risadas entre os outros hominídeos.

A fundação das primeiras cidades-estado na Mesopotâmia trouxe consigo um novo desafio: estabelecer regras de convivência em larga escala, provavelmente com alguns tropeços ao longo do caminho. E o que dizer da invenção da escrita cuneiforme? Alguém deve ter ficado confuso tentando descobrir como aquelas formas enigmáticas representavam palavras.

E enquanto as pirâmides do Egito eram construídas meticulosamente, você já imaginou as expressões dos trabalhadores ao tentar encaixar aquelas enormes pedras? "Será que alguém tem uma ideia melhor para isso?" Certamente houve momentos de discussão.

À medida que avançamos na linha do tempo, vemos as revoluções, as descobertas e as mudanças que moldaram a história. Entretanto, uma coisa permanece constante: o toque humano, muitas vezes engraçado e sempre criativo, deixado em cada um desses marcos. Portanto, que continuemos a explorar e aprender com esses momentos, mantendo um olhar apreciativo pela singularidade e humor que a jornada da humanidade nos oferece. Parabéns por embarcar nessa jornada histórica e perspicaz!

Com Gratidão,

Fernando

Uma Jornada de Descobertas e Emoções

Ao encerrarmos esta jornada através das eras, um turbilhão de emoções invade o coração. Cada página deste livro é como um portal para o passado, nos permitindo testemunhar momentos que moldaram nossa humanidade. Essa estrutura concisa, cuidadosamente planejada, nos presenteou com um vislumbre dos 30 marcos mais impactantes que o tempo trouxe até nós.

Mas este livro é mais do que palavras impressas nas páginas. É o eco dos passos dos primeiros humanos, a paleta de cores das pinturas rupestres, o fervor das batalhas travadas durante as Cruzadas, o eco das revoluções que mudaram nações. É a história que pulsa em nossas veias, conectando-nos com ancestrais e heróis, com triunfos e tragédias.

Cada avanço na ortografia, na qualidade dos textos, reflete a dedicação incansável em honrar o passado e transmiti-lo com exatidão. As horas investidas, as páginas viradas, os detalhes meticulosamente pesquisados, tudo isso resultou em um legado que transcende o tempo. Essa paixão, essa busca incessante pela verdade, é o que dá vida a cada palavra que você agora absorve.

Enquanto fechamos este capítulo, um novo horizonte se revela. "Um Pouco Mais de História" nos aguarda, prometendo nos levar além, mais fundo, mais intensamente pelos meandros do tempo. Anuncio com alegria esse novo empreendimento, uma jornada que nos levará a mergulhar ainda mais nas páginas empoeiradas do passado, trazendo à luz segredos e contextos que nos escaparam até agora.

Cada página virada é uma celebração, um tributo aos que vieram antes de nós, aos que escreveram a história com suas vidas e ações. Agradeço a todos que se uniram a esta busca por conhecimento, por emoção, por conexão. E, como esta jornada continua, lembre-se de que estas palavras estarão lá, na conclusão deste livro, como um abraço emocionado que transcende o tempo e o espaço.

Até a próxima página, até o próximo capítulo de descobertas, até um futuro que brilha com a promessa de "Um Pouco Mais de História", mas isso é assunto para outro livro, então acompanhe!

Com gratidão,

Fernando

Autor - Um Pouco de História...

Agradecimentos

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a criação deste livro. Suas opiniões, orientações e apoio foram fundamentais para transformar este projeto em realidade.

Aos meus amigos, obrigado por ouvirem minhas ideias e fornecerem feedback ao longo do processo. Suas perspectivas foram valiosas para refinar o conteúdo e a apresentação deste livro.

Aos adultos que compartilharam seus insights, sua experiência enriqueceu este trabalho de maneiras significativas. Agradeço por dedicarem seu tempo para revisar e oferecer sugestões construtivas.

Aos professores que me guiaram ao longo do caminho, sua orientação foi essencial para moldar meu entendimento da história. Suas contribuições foram inestimáveis para a qualidade deste livro.

Agradeço a todos aqueles cujas vozes foram incorporadas a este livro, tornando-o um esforço colaborativo. Suas contribuições ajudaram a dar vida aos eventos históricos retratados nessas páginas.

Este livro é o resultado do trabalho conjunto de muitas pessoas e estou profundamente grato por cada contribuição feita. Obrigado por tornarem este projeto possível.

Com gratidão,

Fernando

Autor - Um Pouco de História...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MARCO UM: APARECIMENTO DOS PRIMEIROS HUMANOS

Rightmire, G. Philip. "Homo habilis". Encyclopedia Britannica, 16 Jun. 2023, <https://www.britannica.com/topic/Homo-habilis>. Accessed 29 June 2023.

MARCO DOIS: SURGIMENTO DO HOMO ERECTUS

Rightmire, G. Philip and Tobias, Phillip Vallentine. "Homo erectus". Encyclopedia Britannica, 21 Jun. 2023, <https://www.britannica.com/topic/Homo-erectus>. Accessed 1 July 2023.

MARCO TRÊS: SURGIMENTO DO HOMO SAPIENS E DOMESTICAÇÃO DO FOGO

Tattersall, Ian. "Homo sapiens". Encyclopedia Britannica, 27 Jun. 2023, <https://www.britannica.com/topic/Homo-sapiens>. Accessed 2 July 2023.

MARCO QUATRO: PINTURAS RUPESTRES EM CAVERNAS

Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "rock art". Encyclopedia Britannica, 15 Aug. 2022, <https://www.britannica.com/art/rock-art>. Accessed 3 July 2023.

MARCO CINCO: DOMESTICAÇÃO

Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "domestication". Encyclopedia Britannica, 30 Jun. 2023, <https://www.britannica.com/science/domestication>. Accessed 4 July 2023.

MARCO SEIS: AS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES (MESOPOTÂMIA)

Frye, Richard N. , Edzard, Dietz O. and Soden, Wolfram Th. von. "history of Mesopotamia". Encyclopedia Britannica, 4 Jul. 2023, <https://www.britannica.com/place/Mesopotamia-historical-region-Asia>. Accessed 8 July 2023.

MARCO SETE: INVENÇÃO DA ESCRITA CUNEIFORME

FERNANDES, Márcia. História da Escrita. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-escrita/>. Acesso em: 9 jul. 2023

Puhvel, Jaan. "cuneiform". Encyclopedia Britannica, 1 Jan. 2023, <https://www.britannica.com/topic/cuneiform>. Accessed 9 July 2023.

MARCO OITO: CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES DE GIZÉ

BEZERRA, Juliana. As Pirâmides do Egito. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/as-piramides-do-egito/>. Acesso em: 13 ago. 2023

MARCO NOVE: FUNDAÇÃO DE ROMA

BEZERRA, Juliana. República Romana. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/república-romana/>. Acesso em: 12 jul. 2023

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Roma – Período Republicano"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/roma-periodo-republicano.htm>. Acesso em 12 de julho de 2023.

MARCO DEZ: IMPÉRIO PERSA

BEZERRA, Juliana. Persas. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/persas/>. Acesso em: 16 jul. 2023

MARCO ONZE: IMPÉRIO ROMANO

SILVA, Daniel Neves. "Império Romano"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/imperio-romano.htm>. Acesso em 17 de julho de 2023.

MARCO DOZE: IMPÉRIO BIZANTINO

HIGA, Carlos César. "Império Bizantino"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/imperio-bizantino.htm>. Acesso em 19 de julho de 2023.

BEZERRA, Juliana. Império Bizantino. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imperio-bizantino/>. Acesso em: 19 jul. 2023

MARCO TREZE: QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO DO OCIDENTE

BEZERRA, Juliana. Queda do Império Romano. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/queda-do-imperio-romano/>. Acesso em: 20 jul. 2023

MARCO QUATORZE: REINO DOS FRANCOS

Império Carolíngio. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/imperio-carolingio/>. Acesso em: 23 jul. 2023

MARCO QUINZE: SEGUNDA ERA IMPERIAL CHINESA

SOUSA, Rainer Gonçalves. "China - Segunda Era Imperial"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/china/chinasegunda-era-imperial.htm>. Acesso em 25 de julho de 2023.

MARCO DEZESSEIS: AS CRUZADAS

HIGA, Carlos César. "Cruzadas"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/cruzadas.htm>. Acesso em 27 de julho de 2023.

MARCO DEZESSETE: MAGNA CARTA

BEZERRA, Juliana. Carta Magna. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/carta-magna/>. Acesso em: 29 jul. 2023

MARCO DEZOITO: IMPÉRIO MONGOL

SOUSA, Rainer Gonçalves. "A trajetória do Império Mongol"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/a-trajetoria-imperio-mongol.htm>. Acesso em 03 de agosto de 2023.

MARCO DEZENOVE: QUEDA DE CONSTANTINOPLA

Queda de Constantinopla. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/queda-de-constantinopla/>. Acesso em: 5 ago. 2023

MARCO VINTE: RENASCIMENTO

BEZERRA, Juliana. Renascimento: Características e Contexto Histórico. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/renascimento-caracteristicas-e-contexto-historico/>. Acesso em: 6 ago. 2023

MARCO VINTE E UM: REVOLUÇÃO CIENTÍFICA

Renascimento Científico. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/renascimento-cientifico/>. Acesso em: 8 ago. 2023

MARCO VINTE E DOIS: CHEGADA DOS EUROPEUS ÀS AMÉRICAS
BEZERRA, Juliana. Descobrimento da América. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/descobrimento-da-america/>. Acesso em: 6 ago. 2023

MARCO VINTE E TRÊS: REFORMA PROTESTANTE

SILVA, Daniel Neves. "Reforma protestante"; Brasil Escola. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/reforma-protestante.htm>. Acesso em 06 de agosto de 2023.

BEZERRA, Juliana. Reforma Protestante. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/reforma-protestante/>. Acesso em: 6 ago. 2023

MARCO VINTE E QUATRO: REVOLUÇÃO INGLESA

BEZERRA, Juliana. Revolução Gloriosa (1688). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/revolucao-gloriosa/>. Acesso em: 7 ago. 2023

MARCO VINTE E CINCO: INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS:

BEZERRA, Juliana. Independência dos Estados Unidos (1776). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/independencia-dos-estados-unidos/>. Acesso em: 9 ago. 2023

MARCO VINTE E SEIS: REVOLUÇÃO FRANCESA

BEZERRA, Juliana. Revolução Francesa (1789). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/revolucao-francesa/>. Acesso em: 11 ago. 2023

MARCO VINTE E SETE: REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
BEZERRA, Juliana. Revolução Industrial: o que foi (resumo). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/revolucao-industrial/>. Acesso em: 13 ago. 2023

MARCO VINTE E OITO: PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

BEZERRA, Juliana. Revolução Industrial: o que foi (resumo). Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em:
<https://www.todamateria.com.br/revolucao-industrial/>. Acesso em: 13 ago. 2023

MARCO VINTE E NOVE: SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

SILVA, Daniel Neves. "Segunda Guerra Mundial"; *Brasil Escola*. Disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/segunda-guerra-mundial.htm>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

MARCO TRINTA: GUERRA FRIA

SOUZA, Thiago. Guerra Fria: características, causas e consequências. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/guerra-fria/>. Acesso em: 13 ago. 2023